

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Escola de Comunicação

**O JORNAL NA SALA DE AULA:  
UMA ANÁLISE DO PROGRAMA QUEM LÊ JORNAL SABE MAIS**

Tais Penna de Queiroz

Rio de Janeiro

2005

**O JORNAL NA SALA DE AULA:  
UMA ANÁLISE DO PROGRAMA QUEM LÊ JORNAL SABE MAIS**

Tais Penna de Queiroz

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Ilana Strozenberg

Monografia de graduação apresentada ao  
Curso de Jornalismo da Escola de  
Comunicação da Universidade Federal do  
Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2005

**O JORNAL NA SALA DE AULA:  
UMA ANÁLISE DO PROGRAMA QUEM LÊ JORNAL SABE MAIS**

Tais Penna de Queiroz

Monografia apresentada na cadeira de Projetos Experimentais, como requisito necessário à conclusão de graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Aprovada por:

---

Prof<sup>ª</sup>. Ilana Strozenberg , UFRJ.

---

Prof<sup>ª</sup>. Ana Paula Goulart, UFRJ.

---

Prof<sup>º</sup>. Fernando Mansur, UFRJ.

Data: \_\_\_\_\_

Nota: \_\_\_\_\_

Rio de Janeiro

2005

Queiroz, Tais Penna de. O jornal na sala de aula: uma análise do programa Quem lê jornal sabe mais. Orientadora: Ilana Strozenberg. Rio de Janeiro: UFRJ/ ECO, 2005.

## **Resumo**

Monografia sobre a articulação entre os campos da educação e da comunicação e o surgimento de um novo campo de atuação, o da Educomunicação. Como base para o desenvolvimento deste trabalho foram utilizadas as pesquisas desenvolvidas pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Universidade de São Paulo acerca deste novo campo e algumas experiências já realizadas a partir desta inter-relação entre educação e a comunicação, no contexto da sociedade atual, em especial da América Latina, no qual este novo campo vem se firmando. A partir dos conceitos e objetivos definidos para a atuação da educomunicação, foi realizado um estudo de caso do programa do jornal O Globo, Quem lê jornal sabe mais, estudando sua estrutura, abrangência e os resultados obtidos até o momento.

Queiroz, Tais Penna de. O jornal na sala de aula: uma análise do programa Quem lê jornal sabe mais. Orientadora: Ilana Strozenberg. Rio de Janeiro: UFRJ/ ECO, 2005.

## **Abstract**

Monograph about the articulation between the fields of education and communication as well as the emergence of a new field of work: the edu-communication. The basis for the development of this study are the researches about edu-communication made by the Center of Communication and Education of the University of São Paulo and some experiences already accomplished based on the interrelation between education and communication in the context of the present day society, specially in Latin America where this new field has established itself. This work uses the concepts and aims set for the performance of the edu-communication in order to conduct a case-study assessing the program “Who reads the news knows more” of O Globo, a newspaper, regarding its structure, coverage and the results obtained until now.

## **Agradecimentos**

Centro Educacional Pequena Cruzada

Centro Espaço Integrado

Colégio Estadual Antônio Maria

Ilana Strozenberg

Leitores e Leitoras

O Globo

À minha família

## **Sumário**

<b>1</b>	<b>Introdução .....</b>	<b>11</b>
1.1	O Tema	
1.2	A Metodologia	
1.3	Os Capítulos	
<b>2</b>	<b>Educação e Comunicação .....</b>	<b>15</b>
2.1	Contexto atual	
2.2	Educomunicação	
2.3	Práticas Educomunicativas	
<b>3</b>	<b>Quem lê jornal sabe mais .....</b>	<b>30</b>
3.1	O Programa	
<b>4</b>	<b>De Dentro do Programa .....</b>	<b>37</b>
4.1	Resultados	
4.1.1	A pesquisa	
4.1.2	As escolas visitadas: O que elas acharam do programa...	
4.2	Adequações para 2008 e 2011	
<b>5</b>	<b>Conclusão .....</b>	<b>46</b>

## **Referências**

## **Anexos**



## 1 Introdução

### 1.1 O Tema

A discussão e as atividades relacionadas à interface dos campos da Comunicação e da Educação não são recentes. Elas começaram muito antes do que poderíamos supor. Flávia Aidar (1995, p. 123) constatou que, no início do século XX, foram encontrados, na Noruega, artigos de jornal relatando sobre os “revolucionários métodos de ensino” com a utilização de jornal na escola. Na Espanha, já no final do século XIX, havia uma discussão sobre a entrada do jornal na escola no lugar da leitura obrigatória de Cervantes. Em 1932, o *New York Time* iniciou seu programa de jornal na educação com distribuição regular de seus exemplares nas escolas, sendo considerado “um marco na história destas iniciativas”.

Atualmente, 750 jornais dos Estados Unidos e 100% dos jornais suecos dispõem deste tipo de programa, sendo que na Suécia, em média, cada escola assina cinco jornais diferentes. “A UNESCO vem patrocinando pesquisas, publicações e eventos sobre o tema, defendendo uma postura construtivista que leve as crianças e os jovens a promoverem uma análise crítica dos meios a partir especialmente de seu manuseio” relata Ismar Soares (2005a, p. 14), coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo (NCE/ ECA/ USP). Ele (2005a, p. 1) complementa, ainda, expondo a realidade da nossa região:

Alguns eventos, ocorridos nos últimos dois anos no espaço latino-americano, revelam que algo de novo vem ocorrendo no campo da inter-relação comunicação/ tecnologias da informação/ educação. Na Venezuela, o Congresso Nacional aprova o Estatuto da Criança e do Adolescente, com artigos que garantem o direito da jovem geração à expressão e a uma pedagogia para recepção crítica dos meios de comunicação. Em Cumbaya, Equador, representantes de 1200 escolas mantidas pela congregação Salesiana (Salesianos e Filhos de Maria Auxiliadora), em todo o continente, incluem entre suas metas para os próximos cinco anos a implementação, em seus projetos educativos, de prática de gestão comunicativa. Em São Paulo, Brasil, a Secretaria de Educação do Município dá início a um projeto denominado Educomunicação pelas ondas do rádio (Educom.rádio) que prevê a capacitação, em quatro anos, de aproximadamente nove mil docentes e membros das comunidades escolares de suas 450 escolas de nível fundamental para o uso do rádio e de outros meios de informação nas atividades escolares.

Soares (2005a) menciona, ainda, que no Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) abriu caminho para a introdução da educação para a comunicação nos currículos uma vez que estabelece nas normas para a reforma do ensino médio que um terço do conteúdo dos currículos que forem desenvolvidos levem em consideração as tecnologias e a mídia na sociedade e na educação.

A Associação Nacional de Jornais (ANJ) constatou que entre os anos de 1994 e 2004, o número de empresas jornalísticas associadas a ANJ que possuem Programas de Jornal e Educação cresceu 385%, contando atualmente com 50 empresas trabalhando com educação. Através destes trabalhos já foram beneficiados 17.022 escolas, 5.830.558 alunos e 130.912 professores. O pioneiro neste tipo de iniciativa foi o jornal Zero Hora do Rio Grande do Sul em 1980, mas que teve o programa interrompido há alguns anos. A diretora do Programa Jornal e Educação da ANJ, Carmen Lozza (2005c), ressalta a importância deste trabalho ao acreditar no:

Potencial dos programas de Jornal e Educação não só para formar o leitor do futuro como para expressar a responsabilidade social das empresas e como instrumentos capazes de acentuarem a imagem positiva de cada jornal que se lança nesse tipo de empreendimento.

O relatório final do Fórum sobre Mídia e Educação promovido pelo Ministério da Educação (MEC) em 1999 reconheceu a existência da “inter-relação entre Comunicação e Educação como um novo campo de intervenção social e atuação profissional, considerando que a informação é um fator fundamental para a Educação” (MEC, 2000, p. 25).

Apesar de todas as iniciativas citadas acima, precisamos entender que a relação entre os campos da Comunicação e da Educação não é tão simples assim. A escola foi, durante muitos anos, a guardiã do conhecimento dentro da nossa sociedade e os meios de comunicação a vem desafiando neste aspecto, retiram da educação sua hegemonia no campo de transmissão de conhecimento. Hoje, esses dois campos atuam com funções pedagógicas paralelas na formação do sujeito, na construção e veiculação de saberes. O que gera uma relação de conflito que precisa ser transposta.

Por último, é importante ressaltarmos as três razões evocadas por Geneviève Jacquinot (2005, p. 5) para que estudemos a inter-relação entre comunicação e educação:

- Porque não há escolha e, queiramos ou não, os alunos hoje aprendem coisas dos meios, mesmo que seja de uma forma que escapa ao pedagogo e aos pais. A casa não é mais o ‘lar’, não é mais o lugar que permite conservar as crianças ao abrigo do mundo exterior mais do que a sala de aula;
- Porque a escola e os meios têm pontos em comum e o que se aprende na escola pode ajudar a compreender os meios e vice-versa;
- Enfim porque os modos de apropriação do saber mudaram, e mudarão ainda mais na nossa sociedade que desenvolve “as indústrias do conhecimento.

## 1.2 A Metodologia

A pesquisa realizada para a estruturação deste trabalho foi focada em três frentes: pesquisa teórica; pesquisa documental; e pesquisa de campo.

A pesquisa teórica foi realizada através de páginas na *Internet* e leituras de livros e periódicos relacionadas às investigações sobre este novo campo que está surgindo. A pesquisa documental ocorreu através da leitura do material do programa estudado disponível na página na *Internet* e de duas apostilas destinadas aos professores participantes do **Quem lê jornal sabe mais**. A pesquisa de campo foi baseada na visita e observações dos trabalhos a três escolas participantes do programa, observação do trabalho nelas desenvolvidos e entrevistas em profundidade com professores envolvidos no projeto, com a diretora da sua consultoria pedagógica e com os alunos que são seu público alvo. Entre as três escolas escolhidas para a pesquisa uma é estadual, uma é particulares, e a terceira é uma instituição filantrópica. Duas escolas são localizadas na zona sul da cidade e uma na zona oeste: Lagoa, Leblon e Barra da Tijuca.

## 1.3 Os Capítulos

Dividimos o presente trabalho em três capítulos distintos: Comunicação e Educação; **Quem lê jornal sabe mais**; e, por último, De dentro do programa.

No primeiro vamos tratar da relação entre os campos da Comunicação e da Educação, discutindo como escola e meios de comunicação vêm competindo enquanto instituições pedagógicas na sociedade contemporânea e, mais especificamente, nos países de tradição oral como na América Latina. Situiremos, nesse contexto, o surgimento de um novo campo de atuação denominado de Educomunicação, expondo sua definição segundo o NCE e seus braços de atuação. Também nos focaremos nas atividades que vem sendo realizadas através desta articulação entre comunicação e educação bem como os desafios encontrados na recepção e formação de leitores.

No segundo capítulo, tomaremos como exemplo de atuação desta articulação entre comunicação e educação o programa do jornal O Globo **Quem lê jornal sabe mais**. Nos fixaremos na concepção do programa, suas características, a relação e o controle da consultoria pedagógica contratada pelo jornal para a realização do programa.

Por último, no capítulo três, nós analisaremos os resultados do **Quem lê jornal sabe mais** tentando nos ater ao desenvolvimento das escolas participantes do programa e de seus alunos. Também colocaremos em foco a percepção de alunos, professores e escolas sobre a importância do programa e do jornal na sala de aula.

## 2 Educação e Comunicação

### 2.1 Contexto atual

A sociedade atual foi atropelada por um enorme desenvolvimento tecnológico, que teve, e ainda tem, um impacto muito grande nos meios de comunicação e, conseqüentemente, na maneira como a sociedade se comporta, no modo como as pessoas estão se relacionando umas com as outras. Esse irreversível avanço tecnológico que testemunhamos diariamente faz com que haja uma reorganização constante e permanente da nossa sociedade. A professora da Escola de Comunicação e Artes da USP, Maria Cristina Costa (2005, p.1) constata que:

[...] é a mídia que, com seu desenvolvimento tecnológico e expansão, transforma o mundo de hoje na era da informação e da comunicação. Assim, as relações interpessoais se vêem cada vez mais intermediadas por relações simbólicas midiática. Falamos com os outros mais pelo telefone do que pessoalmente, tomamos conhecimento do mundo pela imprensa e assistimos à vida passar pela tela da TV, viajamos através do fax e navegamos pela Internet.

Percebemos, assim, que vivemos em uma sociedade que lida com a informação e as mudanças num ritmo cada vez mais acelerado, em que as nossas relações tanto interpessoais quanto o mundo em geral é mediada o tempo todo pelos meios de comunicação ou pelas novas tecnologias. O tempo é cada vez mais precioso, o “tempo vale dinheiro”. De acordo com alguns autores são justamente, os meios de comunicação, carro chefe de todas essas transformações, que nos impõem essa velocidade, que ditam padrões de comportamento e de relações sociais. A imagem, a informação e o discurso tomam conta e, ao mesmo tempo, comandam nossas vidas. Edson Gabriel Garcia (2005, p. 4) relata que:

Pensadores e críticos da atualidade chamam nossa atenção para dois fatores relevantes a este respeito: primeiro, a quantidade de informações disponíveis não significam, necessariamente, que conseguimos construir significados ou sentidos para com elas e, dessa forma, não construímos conhecimentos, pois temos que distinguir entre informação (disponível) e conhecimento (construído); e, segundo, é preciso estar atento à divisão das informações disponíveis apenas para a elite que a grande maioria do povo não tem acesso.

E, com isso, é necessário que entendamos a existência de uma comunicação de massa, ou ainda, a indústria cultural que faz parte do sistema capitalista, e como tal, é alimentada pela economia e influenciada pelo que pode aumentar ou diminuir sua venda, sua audiência, seu lucro.

Desta maneira, ela funciona como uma indústria - as notícias são produzidas em série, padronizadas, e respeitando uma divisão de trabalho - fornecendo produtos de consumos como qualquer um que podemos comprar nas lojas, focados em seus respectivos públicos. A professora e doutora da ECA/ USP, Yara Maria Milan (2005, p. 20) lembra que Edgar Morin nos faz refletir sobre a natureza da comunicação de massas ao identificá-las como:

Uma modalidade mercadológica oriunda da sociedade industrial. Ele afirma: para que a cultura da sociedade industrial se viabilizasse foram necessárias às invenções técnicas e explícita: “o vento que assim as arrasta em direção à cultura é o vento capitalista”.

Em todas as direções que olhamos, lá está ela, a informação, colocada em ônibus, em *outdoors*, nos muros, nos prédios, nas próprias pessoas. Nas bancas de jornal podemos encontrar uma variedade inimaginável de informações direcionadas aos diversos públicos criados pela economia capitalista. Temos a nossa disposição uma admirável quantidade de programas formatados de acordo com o interesse do público, tanto na televisão aberta quanto na fechada. A qualidade e o tipo de informação que encontramos em um jornal destinado à elite, bem como o seu discurso, é completamente diferente do encontrado em jornais mais populares, mesmo que ambos os jornais pertençam à mesma empresa de comunicação. E, assim, para cada *nicho* é destinado um programa, uma informação, um tipo de abordagem diferenciado. É nessa era, a da informação, a da comunicação, que nós vivemos hoje.

Outros autores relativizam o poder absoluto dos meios de comunicação, argumentando que os receptores interagem com as mensagens conferindo-lhes significados próprios, que podem ser, inclusive, críticos em relação ao seu conteúdo. Umberto Eco (1993, p. 168), por exemplo, defende que “quem recebe a mensagem parece ter um resto de liberdade: a de lê-la de modo diferente”. E quando diz diferente, Eco refere-se ao fato de que cada receptor, ao entrar em contato com a mensagem, irá interpretá-la, adicionando significados segundo seus próprios códigos, que irão variar de acordo com a sociedade e o tempo em que vivem, a educação que receberam e a bagagem cultural que possuem. Eco (1993, p. 172) reforça essa idéia ao declarar que “ninguém controla o modo como o destinatário usa a mensagem – salvo em raros casos”. Na verdade, o que ele propõe é que não há como controlar a mensagem onde ela é produzida, a partir das grandes empresas de comunicação, e sim, onde ela chega, no receptor. Visto que, é ele, o receptor, quem irá conferir significado ao que é transmitido pelos meios de comunicação,

muitas vezes modificando a intenção do produtor. Deste modo, Eco (1993) acredita que quem está sentado na cadeira de diretor das principais empresas de comunicação do mundo não tem todo o controle sobre as mensagens e seus efeitos diante do poder de decodificação daqueles que estão sentados na frente da televisão, os que ouvem o rádio e os que lêem os jornais.

Michel de Certeau reforça essa idéia ao acreditar que não existe passividade nas leituras realizadas pelo receptor. Este acaba por assumir um papel de co-autor ao adicionar significado ao que é lido. Segundo Certeau (1996, p. 266), “o texto só tem sentido graças a seus leitores”. Certeau define a atividade do leitor como sendo a de um viajante, de um nômade, de um caçador que percorre, através da leitura, caminhos descritos por outrem, mas que só ganham sentido ao serem lidos.

No entanto, não se deve acreditar que o receptor possa ser isolado do emissor, que ele possa fazer o que bem entender com a mensagem que lhe chega, uma vez que há fatores sociais que não permitem isso, lembra Jesús Martín-Barbero (2002). “[...] boa parte da recepção está de alguma forma não programada, mas condicionada, organizada, tocada, orientada pela produção, tanto em termos econômicos como em termos estéticos, narrativos, semióticos” (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 39). O que nos leva a crer que não existe um poder supremo localizado e isolado em uma destas duas pontas da comunicação. É como se o poder não estivesse em nenhum dos dois lados, nem o emissor, através da mensagem, domina o receptor, nem receptor domina totalmente o significado da mensagem. O que podemos concluir é que estas duas etapas estão interagindo uma com a outra, influenciando uma a outra o tempo todo. E desta maneira, Martín-Barbero (2002, p. 39) sugere que a recepção não deveria ser considerada como uma etapa isolada do processo de comunicação, como a defini a escola norte-americana. E sim, como um outro lugar do qual o processo de comunicação deve ser repensado por inteiro. “[...] não poderia compreender o que faz o receptor, sem levar em conta a economia de produção, a maneira como a produção se organiza e se programa, como e por que pesquisar as expectativas do receptor” (2002, p. 55) argumenta.

No caso específico da América Latina precisamos ainda considerar o fato de que fazemos parte de uma sociedade que possui uma cultura oral muito forte, e que, em muitos casos, é desvalorizada e inibida pela cultura letrada existentes dentro dos muros escolares. Vale lembrar que o nosso modelo pedagógico é relacionado ao livro, mais que isso, à leitura unívoca do professor. Assim, acabamos percebendo a leitura como uma tarefa exclusivamente escolar,

obrigatória e desprovida de prazer. Pertencente apenas à fase escolar, passada essa fase de nossas vidas, o livro deixa de ter qualquer tipo de utilidade. “O que revela que nossas escolas não estão sendo um espaço em que a leitura e a escrita sejam uma atividade criativa e prazerosa, e sim predominantemente uma tarefa obrigatória e tediosa (...)” ressalta Martín-Barbero (2004. p. 342). Acabamos por perceber que o hábito da leitura não foi bem desenvolvido em nossa sociedade. Antes mesmo que isso pudesse acontecer, fomos surpreendidos pela entrada das novas tecnologias que valorizam a imagem e a oralidade, o que se contrapõe ao nosso modelo escolar e balança, mas não determina, ainda mais a nossa relação com a escrita e a leitura.

Martín-Barbero (2002 p. 51) nos coloca algumas questões interessantes com relação à responsabilidade, não apenas das escolas encarregadas pelo ensino fundamental, mas das escolas de comunicação no desenvolvimento da leitura dos jovens:

Eu me pergunto se nós, das escolas de comunicação, estamos nos colocando esta questão: Por que os jovens lêem cada vez menos? Por que são muito acomodados? Por que a leitura implica trabalho e eles não querem trabalhar? É isto? Ou há outra cultura, outra sensibilidade que desde a escola primária não foi captada? O resultado é que as crianças aprenderam a ler sem nenhum prazer, como tarefa, como ofício, não como espaço do imaginário, do prazer, da criatividade.

Dentro deste contexto de desenvolvimento tecnológico e, conseqüentemente, dos meios de comunicação, é que vem surgindo uma interação entre os campos da comunicação e da educação.

## 2.2 Educomunicação

Os meios de comunicação e a educação se opõem em muitos aspectos justamente por serem concorrentes na formação dos sujeitos e, ao mesmo tempo, na transmissão de conhecimentos, cultura e valores, como bem exemplifica Geneviève (2005, p. 2):

- Um é voltado para o passado (o patrimônio), os outros (meios) só se interessam pela atualidade;
- Um repousa sobre a lógica da razão, os outros sobre a surpresa do acontecimento, o impacto e o emocional;
- Um ignora (ignorava?) a lógica econômica, os outros só funcionam segundo ela;
- Um constrói-se na durabilidade, os outros na efemeridade;
- Um procura formar os cidadãos, os outros os consumidores;



- O estudo dos meios valoriza a subjetividade enquanto a objetividade é subjacente a todas as disciplinas ensinadas na escola.

Além dessas oposições, ainda podemos citar as diferenças com relação à forma como o conhecimento é transmitido. A escola é obrigatória, dividida por tempos de 45 minutos ou mais para cada disciplina, demanda estudo e esforço na apreensão dos conteúdos. É necessária realização de provas para comprovar o aprendizado dos alunos. A escola é dividida por anos de conteúdo, é seriada. É oficialmente, a instituição responsável pela transmissão da cultura do saber. Já a mídia é trans-disciplinar, abrange muitos conteúdos ao mesmo tempo. As informações são fracionadas, descontinuadas, feito quebra-cabeça, e cada leitor ou expectador precisa montar o seu. Há um privilégio do aqui e agora, da promoção da informação em detrimento do conteúdo da mesma. Não há um controle sobre o que foi apreendido ou não pelo público dos meios.

Apesar de todas as diferenças citadas acima, a articulação entre estes dois campos vem crescendo e chamando cada vez mais a atenção dos pesquisadores de ambos os campos. Há mais ou menos duas décadas, o campo da educação vem sendo invadido pelas imagens e pelos enunciados midiáticos. Mas a articulação entre estes dois campos era diferente, como explicita a professora da ECA/ USP, Maria Cristina Castilho Costa (2005, p. 4):

Com o rádio, o cinema e a televisão, a escola podia manter-se à distância dividindo nitidamente seus campos de atuação – a ela pertencia o conhecimento, a pesquisa, o trato com as letras, a seriedade e o trabalho, enquanto à mídia se reservava o espaço do lazer, do entretenimento, da ficção e da arte. Nessa distribuição de prerrogativas e funções sociais, a escola e a mídia ora se namoravam, ora se divorciavam, resguardando sempre a sua autonomia e especificidades.

Mas hoje, com o advento da informática estas fronteiras foram abaladas. O computador e a *Internet* modificaram de maneira significativa esta relação, uma vez que o computador congrega ao mesmo tempo o entretenimento, o lazer e o trabalho. “O computador é um novo meio de comunicação que, ligado a redes mundiais, transpõe os muros da escola e aparece como um eficiente veículo de trocas de informações e importante ferramenta de experiência pedagógica” - complementa Costa (2005, p 4).

Os meios de comunicação em geral, por serem detentores de informação, passaram a ocupar um espaço cada vez maior no cotidiano das pessoas e, conseqüentemente, o das crianças.

Hoje, por exemplo, as crianças passam mais tempo na frente da televisão do que dentro da escola. Existem canais de televisão direcionados as diversas faixas etárias das crianças. Isto influencia de maneira significativa à pauta das discussões escolares, uma vez que, essas crianças recebem uma gama de informações cada vez maior com um poder de sedução midiática muito forte, determinando seu comportamento e discurso. E as escolas não possuem outra escolha se não se adaptar a este novo contexto ou colocar em risco a aprendizagem dentro da sala de aula. Margaret de Oliveira Guimarães (2001, p.16) receia que haja a criação de dois pólos:

De um lado, os educadores, nos papéis de professores, coordenadores, diretores - sentindo-se ameaçados em sua autoridade - respondem a essas transformações com atitudes autoritárias, ineficazes. Do outro lado, o aluno, alheio ao discurso do professor, dialogando interiormente com o seu próprio mundo, indaga-se sobre a utilidade de tantos conceitos, suspeita da veracidade de tantas informações.

A professora Maria Cristina Costa acrescenta que os pesquisadores estão cada vez mais preocupados com esta relação e com a maneira como o público jovem recebe tais informações o que podemos constatar em pesquisas realizadas no mundo inteiro. A educação deste público para a recepção crítica da mensagem, tornando-os conscientes sobre seus efeitos e poder de influência tem sido um aspecto constante nessas pesquisas. Costa (2005, p. 2) acredita que:

A Ciência da Comunicação volta-se para a Educação na busca de um espaço de relações pessoais no qual possa trabalhar com os aspectos cognitivos, críticos e comportamentais do público e onde prevaleça, por sobre os interesses comerciais e econômicos, uma postura formativa e libertadora.

Costa (2005) ressalta que o papel do professor neste novo contexto está se modificando. Já que, a quantidade de conhecimentos e informações em circulação exige que esse profissional re-avalie seu currículo e defina novas prioridades. Visto que, mais importante que transmitir conhecimento, que pode ser acessado em qualquer lugar, é ensinar os alunos a pensar.

Um dos grandes desafios dessa relação entre a comunicação e a educação é o reconhecimento por este de que os meios de comunicação, assim como outras agências de socialização, são um novo lugar de saber, isto é, que a escola não é mais detentora do monopólio da transmissão de conhecimento. E ao reconhecer isto a relação entre escola e aluno muda, deixa de ser baseada no monólogo do professor com aluno e passa a ser baseado no diálogo entre estes

dois atores. Segundo Paulo Freire (1977), o professor deixa de ter a função de encher o aluno de conhecimentos, técnicos ou não, e passa a ter o papel de promover a construção do pensamento lógico por meio da relação dialógica entre ambos – professor-aluno, aluno-professor. E assim, o estudante deixa de ter um papel passivo e passa ser ativo no processo de construção do seu próprio conhecimento. O que se aproxima das idéias defendidas Umberto Eco (1993), quando coloca que o receptor, no caso aqui o aluno, irá interagir com a mensagem, decodificando-a e dando-lhe sentido baseado em seus próprios códigos. Maria Cristina Costa (2005, p. 5) reforça essa mudança que está ocorrendo entre educador e educando:

É preciso também considerar que o uso do computador revoluciona a prática pedagógica tradicional, na medida em que é um meio que propõe a comunicação, a interatividade e o trabalho em grupo, formas de atuação sempre rechaçadas no ambiente escolar.

O outro desafio é a re-significação do mundo em que vivemos. Um mundo que foi edificado pela mídia, no qual ela estabeleceu o que devemos conhecer, os temas que iremos discutir e o ponto de vista sobre o qual entenderemos esses temas, constata Maria Aparecida Baccega (2001, p. 9), professora de pós-graduação da USP.

O mundo que nos é trazido pelos relatos, que assim conhecemos e a partir do qual refletimos, é o mundo que nos chega editados, ou seja, ele é redesenhando num trajeto que passa por centenas, às vezes milhares de mediações, até que se manifeste no rádio, na televisão, no jornal. Ou na fala do vizinho e nas conversas dos alunos.

Se este é o mundo a que temos acesso, o desafio que enfrentamos é de que maneira vamos desenvolver cidadãos num mundo editado, presente no nosso cotidiano, influenciando as nossas decisões e impondo-se como verdade única. É importante, de acordo com Baccega, que compreendamos bem esse mundo editado, realizando uma leitura crítica da mídia para que assim possamos desconstruir esse mundo que nos é entregue para construirmos um mundo onde possamos exercer, de modo pleno, nossa cidadania. E é neste contexto que a articulação entre comunicação e educação torna-se fundamental.

Com o intuito de analisar o possível surgimento de um novo campo de atuação, bem como suas características, o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da USP, juntamente com a Universidade Salvador (UNIFACS - Bahia), realizou uma pesquisa, entre os anos de 1997

e 1998, sobre a relação da comunicação e educação com 178 profissionais do banco de dados do Diretório Latino-americano de pesquisadores e especialistas em Comunicação e Educação.

Ao final dos trabalhos, a grupo de pesquisa concluiu que:

- Formou-se, conquistou autonomia e encontra-se em franco processo de consolidação um novo campo de intervenção social a que denominamos de Inter-relação Comunicação/ Educação.
- A Inter-relação Comunicação/ Educação está inaugurando um novo paradigma discursivo transversal, estruturando-se de um modo processual, mediático, transdisciplinar e interdiscursivo, sendo vivenciado na prática dos atores sociais através de áreas concretas de intervenção social.
- Confirma-se, finalmente, como possíveis materializações do campo, quatro áreas concretas de intervenção social, quais sejam: área da educação para a comunicação; área da mediação tecnológica na educação; área da gestão comunicativa; e área da reflexão epistemológica (SOARES, 2005b, p. 6).

O campo da educação para a comunicação é constituído pela reflexão entre os pólos vivos dos processos tanto de comunicação (os emissores e os receptores) como os do campo pedagógico (programas de formação de receptores autônomos e críticos frente aos meios). Dentro desta área foram identificadas distintas vertentes de trabalho que vão desde a busca da defesa das crianças com relação aos efeitos nocivos da mídia até a realização de projetos voltados para a apropriação dos meios e suas linguagens pelos jovens através da experimentação, da implementação.

A mediação tecnológica na educação envolve a reflexão sobre a presença e a utilização dos diversos equipamentos tecnológicos da informação na educação. Esta área vem ganhando força devido à rápida expansão dos sistemas de educação, tanto presencial quanto a distância. Sabemos que houve uma grande resistência à entrada do rádio e da televisão na educação devido ao caráter lúdico e mercantil destas duas tecnologias. No entanto, o computador, assim como a *Internet*, veio para abalar essa relação, por possuir em si os meios de produção e informações que professores e alunos precisam para desenvolver seus trabalhos diários.

A área da gestão comunicativa representa toda a ação que envolva o planejamento, implementação e avaliação de projetos de intervenção social relacionados ao campo de inter-relação comunicação, cultura e educação. Esta intervenção pode ocorrer dentro das escolas - através do planejamento das relações entre professores e alunos, direção e corpo docente, escola e comunidade -, como, também, em projetos de educação não formal ou mesmo em espaços voltados exclusivamente para a produção midiática, como emissoras de rádio ou de televisão

educativas, editoras e centros de produção de materiais didáticos. Segundo Patrícia Horta Alves (2005, p. 3), pesquisadora do NCE, “a área de gestão da comunicação relaciona-se à criação de ecossistemas comunicativos”.

Finalmente, a reflexão epistemológica abrange os estudos sobre o surgimento da relação entre os campos da comunicação e da educação. A esta área pertence tanto um projeto de pesquisa realizado com o intuito de entender e legitimar o novo campo como, também, todos os programas de investigação sobre as vertentes que compõem essa inter-relação.

Alves (2005) ainda aponta para uma quinta área de atuação dentro do campo da educomunicação: a área da expressão comunicativa desenvolvida através das atividades artísticas. Esta envolveria as produções culturais como meio de auto-expressão realizadas por pessoas e grupos. Segundo a autora, a expressão artística impregna nossa sociedade, está por toda parte legitimando a veiculação de informações, da publicidade e da ficção. “A escola, por sua vez, reconhece, e em muitos casos, valoriza, o espaço da arte-educação” (ALVES, 2005, p. 3). Nesse sentido, a arte acaba unindo as ações comunicativas e educativas.

Essas cinco áreas, no entanto, não são as únicas que compõem esse novo campo. Elas são apenas um esforço de síntese por aglomerarem diversas ações possíveis dentro do espaço desta articulação da comunicação com a educação.

E desta maneira, o NCE definiu a Educomunicação como:

O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem (SOARES, 2005a, p. 16).

Também como resultado da pesquisa do NCE, foi definido o perfil dos profissionais deste novo campo. Segundo essa definição, o Educomunicador é um profissional que atua em uma das áreas do novo campo. Possui capacidade de elaborar “diagnósticos no campo da inter-relação Educação/ Comunicação” (SOARES, 2005b, p.8); tem capacidade de gerir processos e projetos; trabalha junto a educadores dando assistência no desenvolvimento de atividades que envolvam o uso correto da comunicação ou, ele próprio, utiliza-se das novas tecnologias com o objetivo de aumentar a expressão dos cidadãos envolvidos no processo educativo; desenvolve programas de educação pelos e para meios, promovendo reflexões sobre o novo campo de atuação e sendo

provedor de informações que reflitam as demandas da sociedade relacionadas à articulação entre os campos da comunicação e da educação. Geneviève Jacquinot (2005, p. 1) ressalta que o educador “não é um professor encarregado do curso de educação para os meios. É um professor do século XXI, que integra os diferentes meios em suas práticas pedagógicas”.

Ismar Soares (2005a) acrescenta que com o aumento das fontes de informação e conhecimento, o papel do educador se mostra cada vez mais insubstituível. Agora, seu papel não é mais de acumular conhecimento, uma vez que este pode ser encontrado em qualquer lugar, mas, sim, se utilizar deste conhecimento para construir uma certa representação de mundo. Essa representação não é objetiva, ao contrário do que se convencionou por muitos anos, e sim relativa, sendo adaptável às diferentes situações.

Por fim, a necessidade do novo campo, ainda, pode ser explicado e reforçado pelas idéias da professora e doutora da ECA/ USP, Yara Maria Mila (2005, p. 29):

Estamos falando da emergência de um novo campo epistemológico, uma nova área de conhecimento que busca seus referenciais na discussão histórica e na identificação de novas formas de agir. Elas se reportam a tarefa do novo intelectual que se descobre apto a interferir no processo de elevação cultural e social das massas, não como ‘tutor’ das mesmas, mas como a consciência que multiplica a consciência popular na revelação de como o poder se exerce e se constitui. Reconhecemos, assim, que já existe um ponto de mutação na confluência entre educação e comunicação, que inclui um senso agudo de responsabilidade social, de justiça e de altruísmo. Trata-se de um lugar que precisa ser ocupado.

### **2.3 Práticas Educomunicativas**

Alguns programas oficiais e pesquisas têm nos ajudado a entender melhor o que está acontecendo no campo da educomunicação. Entre as pesquisas, podemos citar a realizada pela equipe do professor da ECA/ USP, Adilson Citelli, que buscou entender de que maneira os professores estão se relacionando com a mídia, e a realizada pela ANJ, que buscou entender onde e como funcionam os programas de Jornal e Educação no Brasil. Nos ateremos mais a esta última por possuir uma relação mais estreita com o estudo de caso que será trabalhado no próximo capítulo. Faremos uma breve apresentação de três programas oficiais: ProInfo, a TVEscola e o Educom.rádio.

### **Os professores e os meios de comunicação**

O professor da ECA/ USP, Adilson Citelli realizou uma pesquisa entre os anos de 1996 e 1997, com 269 professores do ensino fundamental e médio, em sua maioria da rede pública e municipal de São Paulo. A pesquisa buscava descobrir o que os professores estavam usando dentro das salas de aula, mas também, de que maneira os professores se relacionavam com a mídia.

Entendemos ser necessário indagar sobre o que pensam os professores acerca do conceito ampliado de educação e cujo âmbito não se limite às práticas correntes nas salas de aula, se é importante conhecer as relações dos alunos com os meios de comunicação, o mesmo deve ser considerado quando se mira os próprio docente (CITELLI, 2004, p. 163).

A pesquisa mostrou que a maioria dos professores assiste à televisão regularmente, sendo que destes 82,90% possuem esse hábito apenas à noite. Entre os canais mais assistidos, a Cultura está em primeiro lugar (68,77%) e a Globo em segundo. (67,66%). Com relação à televisão a cabo, apenas 13% dos professores têm acesso a eles. A maioria dos professores que ouvem rádio (88,10%) que ouvem rádio, a maior parte prefere programas musicais (63,94%) ou jornalísticos (46,84%). Com relação à mídia impressa, 91,45% dos entrevistados responderam ler jornais, sendo que, se considerarmos o grupo de leitores diários esta percentagem cai para 39,78%; 89,22% lêem revistas, mas a percentagem dos que fazem isso semanalmente é de 39,41%. As revistas campeãs são a Veja (59,85%) e a Isto É (20,07%). (No período em que foi realizada a pesquisa, a revista Época da Editora Globo, ainda não tinha sido lançada). Entre os jornais, os campeões foram Folha de São Paulo (59,48%) e O Estado de São Paulo (38,29%), visto que a pesquisa foi realizada com professores de São Paulo. Fica evidente que tanto alunos quanto professores estão cercados pela mídia o tempo todo, e fazem parte de um mesmo campo referencial – as mesmas notícias, as mesmas imagens, o mesmo mundo mediatizados. Perguntados sobre a importância de trabalhar com os meios de comunicação dentro da escola, 92,94% dos professores responderam que a escola deve sim interagir com as linguagens da comunicação.

E como resultado da pesquisa foi possível perceber que:

O professor está ciente das mudanças vividas em nosso tempo e conseqüente urgência em encontrar alternativas para o impasse posto pelos atuais modelos escolares, entretanto, situado no olho do furacão, revela sentimento duplo: *eros*

*e tãtatos*, atração e repulsa, encantamento e medo. Ao mesmo passo, o docente fala na urgência em aproveitar a massa de informação disponibilizada pelos *media* e na falta de preparo para utilizá-la correta e eficazmente. Afirma a inevitabilidade do ingresso da informática nas escolas, mas revela certo alheamento ao sistema e mesmo confessa que os computadores são máquinas de complicada operação (CITELLI, 2004, p. 212.).

Dos professores entrevistados, 91,82% reconheceram a necessidade de receber cursos e materiais de apoio de como trabalhar com os meios de comunicação dentro da sala de aula. “É de lembrar que os cursos de magistério e as diversas licenciaturas estavam e estão direcionadas, basicamente, para as operações com as linguagens verbal ou numérica: alfabetização, história, geografia, matemática, física” (CITELLI, 2004. p. 207). Entretanto, constatou-se que 46,84% destes professores já utilizam algum produto da mídia para ministrar suas aulas, como musicais, telenovelas, séries especiais, propagandas etc.

### **Pesquisa da ANJ**

A Associação Nacional de Jornal (ANJ) realizou uma pesquisa junto aos seus associados para mapear onde e como são os programas de jornal e educação, como vem sendo a relação de seus associados com o campo da educação. Observou-se que 49% das empresas entrevistadas possuem um programa em fase de implantação (4%) ou já desenvolvido (45%). Na região sul e sudeste têm pelo menos um programa por estado. A região norte e nordestes ainda apresentam uma maior timidez na implantação deste tipo de programa. Atualmente, 70% dos estados brasileiros possuem pelos menos um programa de Jornal e Educação.

Com a pesquisa foi possível constatar a necessidade de se elaborar concepções básicas para que estes programas, uma vez que se verificou uma grande diversidade entre os programas estudados, como confirma o relatório final da pesquisa:

Atualmente, os Programas Jornal na Educação brasileiros são extremamente variados. Partem de uma base mais ou menos comum, mas parecem ser únicos, originais quanto à sua forma concreta de desenvolvimento. Alguns se detêm mais nuns aspectos, outros mais em outros e, assim, cada qual vai construindo a sua própria trajetória, algumas com maior êxito, outras nem tanto. E sempre com diferenças. Ou seja: fazendo uma alegoria, hoje, há um imenso guarda-chuva que abriga diferentes concepções e práticas de Programa Jornal na Educação no Brasil (Leitores e Leituras, 2004, p. 27).

Neste sentido, a Associação Nacional de Jornais (2005) definiu que todo o trabalho que:



Se constitua num conjunto de ações em prol da leitura, voltada para alunos de quaisquer níveis ou para outro tipo de público que participe de alguma ação educativa, mediante atuação junto a mediadores de leitura, realizadas com o objetivo de formar leitores críticos, numa perspectiva efetiva de cidadania e participação social, é considerada Programa de Jornal e Educação.

Os programas devem possibilitar o acesso de jornais aos estudantes fomentando sua leitura crítica em que haja uma re-interpretação da realidade social em que vivem e a criação de alternativas que possibilitem o desenvolvimento de uma expressão e atuação cidadã destes novos leitores.

Para concretizar isso, a ANJ estabeleceu que os programas de jornal e educação devem ser desenvolvidos baseados em cinco objetivos: o primeiro deles seria o desenvolvimento de uma ação concreta que venha a colaborar para o cumprimento da missão da ANJ e de seus associados. Podemos destacar dentro da missão da ANJ (2005) “a defesa da liberdade de expressão, do pensamento e da propaganda”; o segundo, foi que os programas devem contribuir para que a população tenha um domínio maior da escrita e leitura, de modo que possam aumentar o seu aprendizado e sua ação cidadã, demonstrando uma consciência sobre a sociedade em que vivem e atuando no sentido de construírem a sociedade em que querem viver; o terceiro se refere à promoção de uma leitura mais ampla, não se limitando apenas aos jornais, mas, também, estimulando o prazer da leitura como um todo e a construção do conhecimento, propiciando uma formação de leitores que leve em consideração que o indivíduo pode e deve ser o autor de suas próprias idéias e formas de expressão; no quarto objetivo definiu-se que os programas devem promover o acesso ao jornal junto ao público participante, disseminando, entre este público, as diversas características relacionadas a este meio de comunicação, como sua linguagem, sua estrutura, sua natureza e sua lógica; e, finalmente, no último objetivo ficou estabelecido que o programa tem como função a dinamização do currículo como um todo, estando aberto a quaisquer conceitos que forem desenvolvidos em sala de aula ou em espaços educativos, se envolvendo na organização de ações interdisciplinares que contribuam:

- Para o conhecimento do veículo como objeto de estudo (seus diversos conteúdos, linguagens e tipologias);
- E para que tais conteúdos, linguagens e tipologia apoiem o desenvolvimento de um processo ensino-aprendizagem mais dinâmico e criativo, em apoio à construção da cidadania em toda a comunidade escolar (ANJ, 2005).

Além desses objetivos, a ANJ definiu uma série de exigências mínimas que cada programa deve seguir, dentre elas podemos citar: a distribuição de um exemplar inteiro para cada grupo de dez leitores de pelo menos cinco das sete edições semanais durante um período mínimo de um semestre; colaborar para que as instituições que já participaram do programa encontrem uma maneira própria de continuarem a ter acesso ao jornal após o término do programa; promover orientação pedagógica às instituições de ensino garantindo um caráter teórico e prático ao programa; participar da avaliação do programa que será realizada pelo Comitê de Jornal e Educação da ANJ a cada dois anos para verificar a qualidade e os resultados do programa; manter-se como um programa independente de qualquer instância governamental, evitando assim, que o programa sofra interferências decorrentes de eleições, mantendo-se fiel ao programa pedagógico e a independência editorial do veículo.

Foram estabelecidos alguns prazos para que os programas atuais dos jornais filiados a ANJ se adequassem às exigências relacionadas ao conceito.

Até 2008, será necessário que os programas passem a:

- Atribuir prioridade à Educação Básica.
- Promover a distribuição de exemplares inteiros
- Distribuir pelo menos 70% de suas edições mensais.
- Distribuir exemplares por um período nunca inferior a um semestre.
- Para quem distribui exemplares do dia – distribuir pelo menos um exemplar diário para cada grupo de 10 novos leitores atendidos mais um exemplar também do dia e inteiro para os mediadores de leitura (ANJ, 2005).

E até 2011, eles devem:

- Para quem não distribui exemplares do dia – mesmo com a distribuição sendo feita posteriormente, em lotes, distribuir um exemplar para cada grupo de 10 novos leitores mais dois exemplares também do dia para os mediadores de leitura.
- Colaborar com as instituições envolvidas no Programa, após o período em que gozaram do benefício do recebimento gratuito de exemplares do dia ou do encalhe, para que encontrem formas próprias de continuarem contando com exemplares de jornais em seu cotidiano (ANJ, 2005).

## **A TVEscola**

A TVEscola é um projeto do Ministério da Educação (MEC) que começou em 1996. O projeto buscava promover uma educação à distância para os professores, disponibilizando materiais a serem usados em salas de aula, melhorando, assim a qualidade do ensino. Cada escola participante do programa recebia um kit contendo televisão, videocassete, antena parabólica, receptor de satélites e dez fitas para gravações. As escolas tinham acesso a uma série de programas destinados aos docentes através do satélite Brasilsat-1. Segundo o Jornal do MEC (Citelli, 2004, p. 216) de junho de 1998, cerca de 53 mil escolas com mais de 100 alunos tinham recebido o kit tecnológico da TVEscola

### **O ProInfo.**

O ProInfo, projeto também do Ministério da Educação, tinha como objetivo equipar as escolas com computadores e, conseqüentemente, mudar o conceito de ensino-aprendizagem. Cerca de 100 mil computadores foram instalados nas escolas. Além dos equipamentos, o programa previa a capacitação dos professores e de técnicos. As escolas, para participarem do programa, precisavam preencher uma série de quesitos formulados pelo governo federal. “Tais procedimentos são oportunos, por requisitarem maior envolvimento das unidades quanto aos propósitos, objetivos e finalidades que possuem em vista da solicitação dos equipamentos” (CITELLI, 2004, p. 219).

### **Educom.rádio: Educomunicação pelas ondas do rádio**

O programa da cidade de São Paulo, Educom.rádio: Educomunicação pelas ondas do rádio, foi implantado entre 2001 e 2004. O programa foi desenvolvido pelo NCE e contratado pela Secretaria Municipal de Educação e traduziu-se enquanto um curso de extensão para professores, composto por três módulos de 36 horas cada um. Este programa trabalhou com toda as escolas da rede municipais de São Paulo, atingindo cerca de 11 mil pessoas, entre professores, funcionários, estudantes e membros das comunidades de 455 escolas do ensino fundamental.

### 3 Quem lê jornal sabe mais

#### 3.1 O Programa

O programa **Quem lê jornal sabe mais** do jornal O Globo começou em 1982 por iniciativa do jornalista Péricles de Barros. Naquela época, apenas o jornal Zero Hora de Porto Alegre possuía um programa de jornal e educação. Apesar de não ter sido o pioneiro, O Globo foi o que deu continuidade ao seu programa ao longo da década de 80 e persiste até hoje, sendo considerado assim como o programa mais antigo nesta área no Brasil.

Dentro do jornal O Globo, a responsabilidade pelo programa é da área de marketing sendo coordenado pela publicitária Alessandra Teixeira. A parte pedagógica do programa é terceirizada a Leitores e Leituras, que é um grupo de consultoria em educação com ênfase na questão da leitura e, em particular, na leitura de jornal. Ele oferece consultoria basicamente a jornais para a implantação de programa de jornal e educação. O grupo é, atualmente, composto por quatro pessoas: a diretora Carmen Lozza, professora aposentada da Universidade Federal Fluminense, mestre em Educação; Maria Rosane Ribeiro, assistente direta da Carmen Lozza, trabalha na parte administrativa e pedagógica; e, Silvia Pedreira e Silvana Mansur que são professoras de história.

Anualmente, o programa atende 50 escolas, sendo 25 da rede pública e 25 particulares, num total de 626 escolas atendidas na região metropolitana do Rio de Janeiro até o momento. As escolas podem participar do programa mais de uma vez, desde que não sejam anos consecutivos, o que explica o número quebrado do total de escolas beneficiadas. Inicialmente, o foco do projeto eram os alunos de 5º a 8º série do ensino fundamental, mas desde 2004 ele estendeu sua atuação ao ensino médio. Por ano, o programa atende cerca de cinco mil alunos.

As escolas são selecionadas pela consultoria pedagógica. Para participarem do programa, elas devem possuir uma sala de leitura ou uma biblioteca escolar tendo pelo menos um profissional responsável pelo espaço. A escola precisa estar localizada em uma região aonde o jornal seja distribuído e ter turmas a partir da 5º série do ensino fundamental. São priorizadas as instituições que possuem o maior número de professores interessados em trabalhar com o jornal na sala de aula e as escolas que ainda não participaram do programa nenhuma vez. Elas são selecionadas no final do ano anterior quando há uma apresentação do programa aos professores da instituição selecionada.

Com relação à distribuição espacial das escolas, a Leitores e Leituras tem um cuidado especial, como conta sua diretora, a Carmen Lozza (2005a, p. 5):

Nós tentamos, quando as escolas se inscrevem, fazer alguma coisa mais harmônica dentro da área do projeto que é o Grande Rio. Então, mesmo que venham 100 inscrições da Baixada, cinco da Zona Sul e 10 da Tijuca, nós tentamos atender ao mesmo número distribuído pelo espaço.

O foco do trabalho é a inserção deste veículo de comunicação dentro das salas de aula promovendo uma interação entre o mesmo e a educação, a busca pela formação de leitores críticos e cidadãos conscientes de seu papel em sociedade. A professora Silvana Mansur, que faz parte da consultoria pedagógica do programa, acredita que “a utilização do jornal pode ajudar os professores a diminuir a distância existente entre a escola e o mundo lá fora” (informação verbal). A idéia é que o jornal seja trabalhado como um todo, e não entregar recortes para os alunos, descontextualizando a informação. E desta maneira, ajudar na formação e conscientização destes alunos, futuros cidadãos.

Para isto, o programa foi desenvolvido fundamentado em três concepções:

- a de que este é um Programa de Leitura que pretende contribuir para que a população jovem goste de ler jornal e possa, por meio de seu conhecimento e uso orientados, exercer sua cidadania e até se aproximar de outras leituras. Por isto faz-se a distribuição de jornais do dia, para que se promova um maior interesse por sua leitura;
- a de que a maneira mais eficaz de perseguir tal objetivo é desenvolver um processo de formação continuada (oficinas, encontros, palestras, reuniões pedagógicas) voltado para os professores, definidos como os promotores fundamentais de tal conquista. A grande prioridade é, então, envolver e orientar o professor. O projeto Pólos de Jornal na Escola, que o Programa criou em 1998, atua nesta direção.
- a de que é fundamental que os alunos participantes, com o apoio de seus professores, utilizem os jornais distribuídos para expressar ações concretas de cidadania, de modo a indicar um maior conhecimento sobre o veículo e dar vazão às necessidades de melhoria da comunidade a que pertencem (O GLOBO, 2005).

Para que pudessem concretizar estas três concepções do programa, os trabalhos foram desenvolvidos em três frentes: distribuição de jornais, orientação pedagógica as escolas e um programa de educação continuada através dos Pólos de Jornal na Escola.

A distribuição dos jornais para as escolas participantes é realizada em três etapas. A primeira é a chamada intensiva (maio e junho) em que cada uma das escolas recebe por dia 10 exemplares do jornal O Globo e tem duração de dois meses. A segunda é a de manutenção (julho a outubro) onde as escolas recebem diariamente cinco exemplares do jornal durante quatro meses. Na terceira etapa a distribuição é indireta, isto é, são destinadas três assinaturas do jornal aos Pólos de Jornal na Escola e através dos Pólos qualquer escola do programa ou fora dele pode ter acesso ao jornal.

O programa pedagógico bem como o trabalho direto com as escolas é desenvolvido e realizado pela consultoria. Todo ano, no início do programa é realizado um encontro entre os profissionais do magistério das escolas selecionadas. O objetivo é fazer com que os profissionais que vão participar do programa se conheçam e comecem a criar uma rede de relacionamento. Em seguida é realizada uma oficina que conta com uma visita à Redação e ao Parque Gráfico do jornal O Globo. Cabe à escola selecionar três coordenadores do programa dentro da escola. Estes coordenadores, que podem ser professores de qualquer disciplina, serão o elo entre o **Quem lê jornal sabe mais** e os demais profissionais da escola. Os três coordenadores de cada escola receberão treinamentos nas oficinas promovidas pelo programa e serão os multiplicadores do programa dentro do colégio. A consultoria é responsável por dar uma base teórica às escolas, e cabe a estas desenvolver propostas pedagógicas de utilização do jornal.

Após esta primeira etapa, a orientação pedagógica promove encontros de trocas, palestras, visitas dos diretores e dos alunos ao Globo e eventos culturais para alunos e professores. No final do ano letivo, e conseqüentemente do programa daquele ano, é promovido um Encontro Anual de Alunos que acontece juntamente com a Mostra de Trabalhos onde são premiados os melhores trabalhos do ano. Durante a Mostra de Trabalhos é realizada uma série de palestras e é dada a oportunidade para que as escolas possam expor suas experiências com relação ao trabalho que elas desenvolveram com o jornal.

Além do encontro anual e da visita ao Globo, os alunos contam com outros dois eventos que lhes são destinados: o Dia do Estudante e o projeto Repórter do Futuro. No Dia do Estudante, que é em agosto, é sempre convidada uma personalidade para compartilhar sua experiência de vida com os alunos. Dentre as personalidades que já participaram podemos citar Gabriel o pensador, Zico, Chico Caruso e Heloísa Périssé.

Já o projeto Repórter do Futuro acontece durante o ano inteiro e busca estreitar a relação entre os alunos e o textos jornalístico. As escolas são responsáveis por indicar quem serão os oito alunos que participarão durante o ano inteiro desta etapa do programa. Os repórteres do futuro possuem o acompanhamento de um jornalista que trabalha com eles a elaboração do texto jornalístico, a apuração de matérias, como fazer um roteiro de reportagem, e os processos relativos à produção de um jornal. Os encontros entre alunos e jornalista ocorrem na sede do Globo, fora do horário de aula. A frequência destes encontros no primeiro semestre é semanal e no segundo quinzenal. Esses repórteres são encarregados de escrever matérias que serão publicadas em duas edições do jornal de bairro e também de colher informações sobre o desenvolvimento do programa, como fotos, entrevistas, sugestões de atividades, etc em suas respectivas escolas. Estas informações serão enviadas para a equipe pedagógica e posteriormente serão publicadas na página do **Quem lê jornal sabe mais** na *Internet*.

O programa Pólos de Jornal na Escola tem como objetivo oferecer a educação continuada para os professores das escolas que vêm participando do programa bem como congregar as escolas que ainda não foram atendidas ou que não preenchem os requisitos necessários para participarem, mas que buscam alternativas pedagógicas na utilização do jornal na sala de aula. Os Pólos são uma parceria do jornal O Globo com as Secretarias de Cultura do estado do Rio de Janeiro e dos municípios onde se localizam e ficam sediados nas Bibliotecas Públicas, com exceção do Pólo da Baixada que é uma parceria do jornal O Globo com o Sesc da Baixada.

Os Pólos contam com uma programação de atividades para educadores que é desenvolvida pela equipe pedagógica do programa **Quem lê jornal sabe mais**. Essa equipe é responsável também por acompanhar o desenvolvimento das atividades, que são gratuitas e abertas a professores, alunos a partir da 5º série do ensino fundamental e à comunidade.

Dentre as atividades realizadas nos Pólos podemos citar:

- Promoção de encontros de trocas de experiências sobre a utilização do Jornal na Escola, por pólo;
- Promoção, de maneira descentralizada, de ciclos de estudo sobre temas ligados à Leitura de Jornal;
- Promoção de atividades de atualização profissional (debates, palestras. etc.) em cada pólo;
- Realização de exposições de trabalhos de alunos, congregando as experiências pedagógicas de cada pólo;

- Realização de visitas, pelo menos mensais, de um representante da equipe pedagógica, a cada um dos pólos, para dinamização e acompanhamento do trabalho;
- Divulgação, pelos respectivos Jornais de Bairro, das atividades dos pólos; etc (O GLOBO, 2005).

Até o ano passado eram nove Pólos atuando. Hoje há apenas cinco operando, localizados em Niterói, Campo Grande, Tijuca, Irajá e Nova Iguaçu. O fechamento de quatro Pólos ocorreu por dois motivos. O Pólo da Penha foi fechado devido ao tamanho reduzido da biblioteca onde se localizava. Para poder fornecer os cursos do programa, era necessário fechar a biblioteca para o público externo e o programa considerava que isso era prejudicial para a população local. Os Pólos da Ilha do Governador, Leblon e Botafogo foram fechados por falta de público. Nenhuma pesquisa, no entanto, foi realizada para explicar esta aparente falta de interesse.

Segundo Carmen Lozza (2005<sup>a</sup>, p. 7), essa é uma questão que permanece sem uma resposta conhecida:

Não temos uma avaliação. Não temos nenhum estudo sobre isso. Em todos os Pólos era feito a mesma divulgação, que era pelos jornais de bairro, cartas para todas as escolas que já foram do Quem lê jornal sabe mais. Não tem explicação. Quer dizer, claro que tem, nós não conhecemos. Nós não pesquisamos isso. Sabemos que você poderia oferecer o que fosse, mas apenas três, quatro, cinco pessoas apareciam.

Das três escolas visitadas, apenas uma, o Centro Educacional Pequena Cruzada, informou que seus professores freqüentam os pólos, mas não se soube dar exemplo das atividades que professores desenvolviam naquele espaço. Nas outras duas escolas foi explicado que devido à falta de tempo dos professores, freqüentar os pólos acabava se tornando uma atividade muito complicada. De acordo com a professora Maria Célia Lustosa (2005, p. 3) do Colégio Estadual Antônio Maria o problema é que os professores, muitas vezes, trabalham em duas ou três escolas, o que acaba tomando todo o seu tempo. Ela ressalta que:

Ele [professor] tem é que sobreviver. O ordenado é baixo e ele tem que trabalhar. (...) Tem que trabalhar em três ou mais escolas para estar conseguindo ter o mínimo razoável. Aí, você acha que esse professor tem o tempo hábil? Não tem. Ainda mais em uma cidade como a do Rio de Janeiro que o transporte é complicado. Você perde muito tempo! E, demanda tempo você ir freqüentar o Pólo.



A professora Déborah Lins (2005, p. 4) do Centro Educacional Espaço Integrado complementa que “em escola é muito difícil você deixar a turma para participar de um encontro, para participar de uma reunião fora do ambiente da escola”.

O fechamento de quatro pólos, fazendo com que na Zona Sul não haja mais nenhum, ainda não possui explicação, mas as duas professoras entrevistadas trouxeram questões que podem nos ajudar a começar a compreender um pouco essa situação. A proposta do pólo acaba por esbarrar na realidade que possuímos na área da educação. O salário baixo dos professores faz com que eles trabalhem em várias escolas para poderem ter um ordenado decente e com que eles não tenham tempo para se aperfeiçoar ou se envolver em outras atividades, como as dos pólos, que poderiam vir a agregar novas possibilidades a sua metodologia. O fato das atividades realizadas nos pólos coincidirem com o horário de trabalho dos professores pode ser também uma das chaves desta questão.

Nem sempre o programa teve um acompanhamento pedagógico deste porte e com toda essa estrutura. A diretora da consultoria Leitores e Leituras, Carmen Lozza (2005a, p. 2), relata que:

De 1982 a 1989, O Globo gerenciou o programa sozinho. A partir de 1989, eles fizeram uma parceria com a Fundação Roberto Marinho, que tinha, na ocasião, um núcleo de estímulo ao hábito de leitura. Então, durante alguns anos, essa parte pedagógica ficou a cargo da Fundação Roberto Marinho. Depois, a partir de 1992, O Globo desfez essa parceria com a Fundação e fiquei eu, sozinha, terceirizada. Eu fiquei sendo a coordenadora pedagógica do programa contratada diretamente pelo Globo. Isso durou uns quatro anos, até que eu criei a Leitores e Leituras que passou a ser a contratada.

É preciso ressaltar que entre os anos de 1982 a 1989, o jornal realizava apenas a entrega de jornais nas escolas participantes. Não havia nenhuma orientação pedagógica.

A consultoria pedagógica tem autonomia nos trabalhos realizados com as escolas do programa. Não existe nenhuma interferência do Globo nas atividades que eles idealizam, como comenta Carmen Lozza (2005a, p. 4):

Toda essa parte da análise crítica que necessariamente envolve a análise de vários jornais, o nosso trabalho é com todos os jornais que nós quisermos. Nós não colocamos apenas O Globo na mão dos professores, são vários jornais para se fazer um trabalho. E isso é louvável, eles não têm a menor ingerência.

No entanto, desde 2002 o relacionamento da consultoria com O Globo mudou muito. Até 2002, existia uma pessoa no Globo exclusivamente trabalhando para o **Quem lê jornal sabe mais**, que era a Cláudia Lobo, também da área de marketing. Hoje, a pessoa responsável pelo programa é coordenadora de marketing do Globo e do Extra. Ela tem uma série de outras atividades, e o **Quem lê jornal sabe mais** acaba sendo mais uma ação. Além disso, o diálogo hoje diminuiu bastante. Decisões que antes eram tomadas em conjunto, hoje são definidas pela área de marketing isolada da parte pedagógica. As decisões sobre o orçamento, o marketing do programa e as atividades culturais é agora pensada pela área de marketing que planeja essas três atividades sozinha. Lozza (2005a, p. 4) ainda acrescenta que:

Como o orçamento é totalmente definido por eles, eles é que também decidem a parte cultural que vai ser feita, as atividades. Nós não temos nenhuma ingerência. Mudou bastante nesse sentido, no nosso ponto de vista para pior. O momento hoje é um momento de avaliação nesse sentido porque nem sempre há um entendimento coincidente sobre o que é bom estruturalmente.

O acompanhamento do programa **Quem lê jornal sabe mais** pela consultoria é realizado nas escolas, onde os participantes não apenas discutem as atividades que estão realizando como também fazem sugestões de melhorias no programa para o ano subsequente. O jornal O Globo não realiza nenhum tipo de acompanhamento sobre as atividades realizadas pela consultoria. Não há nem mesmo uma prestação de contas sobre o que vem acontecendo no programa. A diretora da consultoria acredita que devido ao tempo com que eles trabalham juntos, consultoria e jornal O Globo, criou-se uma relação de confiança deixando de ser necessário esse tipo de controle sobre o programa pelo Globo.

## 4 De Dentro do Programa

### 4.1 Resultados

O programa **Quê lê jornal sabe mais** tem como principal meta “provocar situações que levem os alunos a se expressarem, demonstrando mais concretamente as mudanças que a presença do jornal pode provocar em seu cotidiano” (LOZZA, 2005d, p. 1). Quando utilizam a palavra mudança, seus implementadores se referem a uma alteração no comportamento dos alunos como demonstração de que, após terem participado do programa, passaram a apresentar uma postura mais humanista e uma ação mais cidadã, como: uma pesquisa de opinião sobre algum problema da comunidade, buscando estabelecer estratégias para resolvê-lo; o desenvolvimento de um jornal escolar que busque resolver problemas da escola e da comunidade; a realização de uma campanha que relacione algum problema exposto no jornal que aconteça na comunidade onde é a escola ou onde os alunos moram; entre outras. Contudo, não foram estabelecidas metas quantitativas para isso, explica Carmen Lozza (2005a, p. 5), coordenadora pedagógica do programa:

Quantitativamente, não! A gente quer que alguma ação possa ser realizada, mas a gente não estabeleceu metas quantitativas não. Que cada escola possa nos mostrar, que nós possamos perceber que houve alguma ação dentro da escola. Mas não, [e que] cada escola tem que ter uma ação, ou cada escola tem que ter duas ações, ou cada escola tem que ter dez alunos envolvidos... Não há quantificação. Por enquanto, a gente não quantificou. A gente quer qualitativamente ações de cidadania.

A questão da cidadania é um novo direcionamento que O Globo, juntamente com a consultoria pedagógica, definiu para o programa para este ano. Seus resultados só poderão ser avaliados ao final dos trabalhos deste período, o que ocorrerá no mês de novembro.

Neste capítulo, portanto, vamos focar em outros aspectos do programa utilizando as entrevistas realizadas com professores, alunos e a consultoria pedagógica. Apresentaremos, inicialmente, os resultados de uma pesquisa realizada pela própria consultoria pedagógica, em 1997, com 600 alunos de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental, 600 pais de alunos e 100 professores que participaram do programa entre os anos de 1993 e 1996, quando este já tinha um formato bem parecido com o atual.

#### 4.1.1 A pesquisa

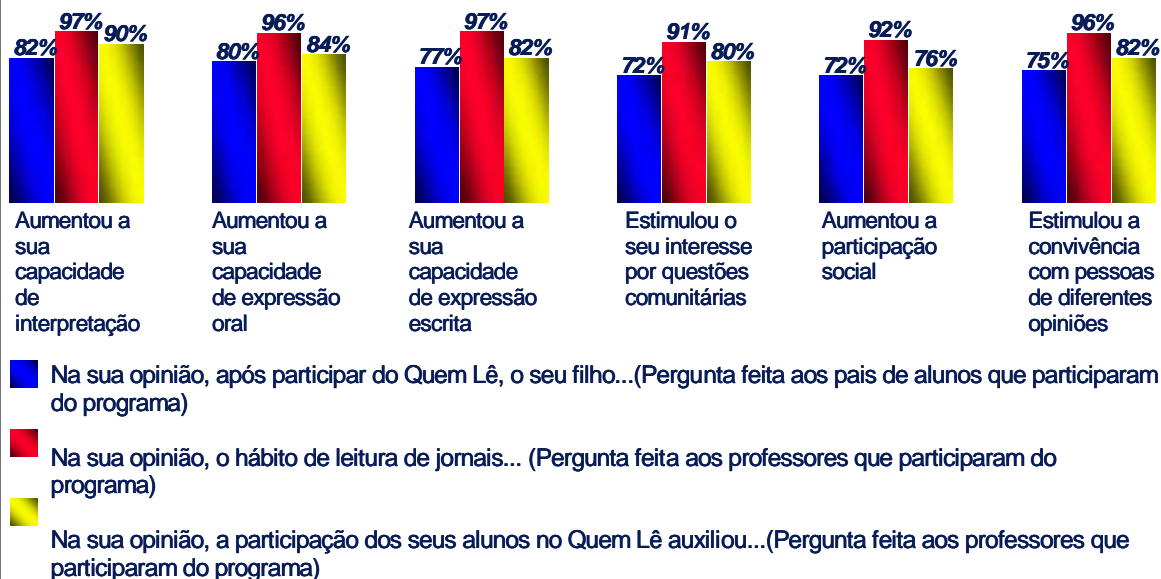
Através do resultado da pesquisa foi possível perceber algumas mudanças nos alunos que participaram do **Quem lê jornal sabe mais**. A primeira constatação é que houve um aumento no número de alunos que passaram a ser leitores de jornal: o percentual de alunos que já liam jornal antes do programa, que era de 80%, depois subiu para 95%. Este aumento se verificou tanto para leitores do jornal O Dia quanto de O Globo: o jornal O Dia, que fazia parte do cotidiano de 38% dos jovens, passou para 49%; já O Globo, que era responsável por 60% da leitura de jornal destes alunos, passou a ter 76% de leitores. Dentre os motivos para essa leitura de jornal, 90% desses consideraram que uma das vantagens é aumentar o seu vocabulário e sua expressão tanto oral quanto escrita; 66% declararam que o jornal os ajudava a se atualizar e a aumentar a sua cultura. Apenas 13% reclamaram de que algumas características no jornal dificultavam a sua leitura e entendimento, como: letra pequena, impressão ruim, palavras difíceis, tipo de diagramação e anúncios. De acordo com esses novos leitores as melhores estratégias para estimular o hábito de leitura nas escolas seria a realização de programas como o oferecido pelo jornal O Globo (39%), a publicação de assuntos interessante para os jovens (22%) e a disponibilidade de jornais dentro da escola (11%).

Dentre os pais de alunos, 99% deles foram de opinião que a entrada do jornal na escola foi importante para a educação de seus filhos, sendo que 83% deles conheciam o programa e 95% o avaliaram como ótimo ou bom. Para 82% dos pais, seus filhos melhoraram sua capacidade de interpretação; 80% deles afirmaram que seus filhos tiveram uma melhora na expressão oral; e 72% dos pais perceberam que houve um aumento na participação social de seus filhos e no seu interesse pelas questões comunitárias.

Dos professores que participaram da pesquisa, 97% declararam que o hábito da leitura ajuda a aumentar a capacidade de interpretação e de expressão escrita, e 96% disseram acreditar que o jornal influi na capacidade de expressão oral e estimula a convivência com pessoas que possuem diferentes opiniões. Além disso, consideraram o jornal importante no estímulo ao interesse das questões comunitárias (91%) e na participação social (92%). No entanto, apenas 16% dos professores afirmaram que usava o jornal na sala de aula, enquanto os outros 84% disseram não utilizá-lo no seu planejamento. Com relação aos alunos, os professores avaliaram o seu desenvolvimento como sendo ainda melhor do que o que o avaliado pelos pais, como pode ser verificado no gráfico (LEITORES E LEITURAS, 1997) a seguir.

## Quem Lê Jornal Sabe Mais

### Considerações Gerais - Professores X Pais de alunos



► Entre os pais pesquisados, **73% lêem O Globo** (58% são leitores de banca) e **10% lêem o JB**. Entre os professores, o índice de leitura tanto do JB quanto do Globo aumentam: **JB (39%), O Globo (90%, sendo que 87% são leitores de banca)**.

Os professores ressaltaram ainda os pontos positivos e negativos do programa. Entre os pontos positivos, podemos destacar que: 30% dos professores consideraram que o programa ajudou a desenvolver o hábito e o interesse pela leitura, tendo como consequência a melhora na interpretação e expressão oral e escrita dos alunos; 18% perceberam o jornal como mais uma opção de material didático; 10% afirmaram que o programa ajudou a melhorar a integração e o relacionamento com a sociedade; e, 7% gostaram da oportunidade de trocas de experiência, da maior integração entre professores, alunos, jornal e escola, e da disponibilidade de exemplares do jornal dentro da escola.

Quanto aos pontos negativos, 58% dos professores entrevistados não souberam destacar nenhum e aqueles colocados pelos demais 42% foram: pouca quantidade de jornais e a não distribuição gratuita do jornal após o programa (17%); pouco prazo para o desenvolvimento dos trabalhos e a pouca divulgação (10%); número reduzido de alunos envolvidos (5%); e, o dato de

que nem sempre os assuntos tratados pelo programa tinham relação com a matéria trabalhada em sala (3%).

#### 4.1.2 As escolas visitadas: O que elas acharam do programa...

Para esta parte do trabalho, foram visitadas três escolas. O Colégio Estadual Antônio Maria (CEAM) é situado no Leblon, possui cerca de 1.500 alunos e entre 70 e 100 professores. É uma escola que oferece apenas o ensino médio e funciona em três turnos diferentes. Já, o Centro Educacional Espaço Integrado (CEI) é uma escola particular, sediada na Barra da Tijuca, possui 900 alunos, cerca de 50 professores, e oferece apenas o ensino fundamental. O Centro Educacional Pequena Cruzada (CEPC), que está participando do programa pela segunda vez, é uma instituição filantrópica localizada na Lagoa. A escola possui 284 alunos no ensino fundamental e 74 alunos no ensino médio. Os alunos são de três tipos de alunos: as internas, todas do sexo femininos, são 22, as de semi-internato, também meninas, são 118, e os alunos externos são todos do sexo masculino e comparecem à escola durante apenas um período. As escola possui 28 professores atuando no ensino fundamental e 22 professores que trabalham no ensino médio.

Nenhuma destas escolas teve dúvidas com relação ao impacto positivo que o programa: tanto alunos como professores realçaram a importância de ter o jornal dentro da escola e dentro da sala de aula. Para a professora do CEAM, Célia Maria Lustosa, o simples fato dos alunos começarem a ler o jornal já era um grande ganho. Ela relata que:

Uma das perguntas que mais me impressionou quando eu comecei o trabalho, um aluno falou assim para mim: “ah, professora, esses jornais nunca falam nada que nos interessa”. Eu falei: como não te interessa? “Tudo que acontece lá em Brasília eu não estou interessado”. Olha, você vê que falta de conhecimento, de prática até (LUSTOSA, 2005, p. 1).

Segundo a professora Déborah Lins (2005), do CEI, nem o grupo de professores nem a direção da escola tinham noção do impacto que a proposta do programa ia gerar ali. Apenas depois que o grupo de coordenadores participou do curso oferecido pelo **Quem lê jornal sabe mais** que eles entenderam a importância da inserção do jornal no contexto escolar. Na verdade, ao ingressar no programa, queriam oferecer mais uma possibilidade aos alunos, e acabaram se surpreendendo com os trabalhos. A coordenadora pedagógica do CEPC, Maria Helena Silva

(2005), quando entrou no programa pela primeira vez, também achou que apenas teria acesso ao jornal e só depois percebeu o que o programa poderia oferecer em termos educacionais.

A presença do jornal foi apreciada também pelos alunos. Segundo o aluno André Rodrigues (2005, p. 1) do CEPC: “O Globo trouxe mais informação para o colégio. O que é uma coisa bem legal”. Já Karen de Souza (2005, p. 1), aluna do CEAM, destacou que: “Eu achei super legal. Porque tem muita gente que não tem como comprar jornal todo dia. A gente está em uma escola pública, tem gente que não tem condição”. Suelen Viany (2005, p. 2), aluna do CEPC, falou sobre a importância de se ter o jornal na escola: “Porque tem alunos que estão lendo, estão sabendo. E, também, o jornal ajuda bastante, até nas aulas, qualquer aula, matemática, português, geografia, história. O jornal ajuda bastante nisso”.

Eles ainda falaram sobre a mudança no comportamento dos alunos, e deles mesmos, com relação à leitura de jornal. André Rodrigues (2005, p. 1), por exemplo, falou da sua experiência:

Para mim mudou bastante porque eu lia e leio até hoje muito o Extra, que é um jornal localizado, que também é do Globo. Então, eu lia só o Extra que é um jornal mais barato, bem mais voltado à população do Rio de Janeiro. Acho que depois desse projeto de O Globo, eu passei a me interessar mais pelo Globo. Eu achava o Globo um porre. É muitas letras, tudo em preto e branco...

A aluna Suelen (2005, p. 2) realça algumas mudanças na leitura da sua turma:

De manhã, quando a gente chega aqui tem sempre o jornal do dia, a gente chega, lê. A gente chega na aula de geografia e já comenta, a gente sempre faz pergunta. E, hoje em dia, tem debate porque a gente leu no jornal, a gente dá exemplos. A turma começa a entrar e é um debate super legal.

Cada escola, no entanto, foi desenvolvendo o seu próprio método de trabalho. No CEAM, que também recebe a revista Veja gratuitamente, os jornais, ao chegar, iam direto para a sala dos professores onde ficavam até o final do dia, quando os exemplares eram transferidos para a biblioteca, onde ficavam até o final da semana. No final da semana, os alunos que desejassem poderiam levar o jornal para casa. No caso do CEI, que já possuía uma assinatura de O Globo e de outras revistas, os jornais eram distribuídos da seguinte maneira: entregava-se um ao inspetor de cada andar e circulam pelas mãos dos alunos, um exemplar ia para a biblioteca e outro para a sala dos professores. No CEPC um exemplar é colocado em um cavalete que fica na entrada do prédio escola, dois exemplares ficam na biblioteca e dois exemplares na sala dos professores. No

caso específico do CEPC, a partir do programa, e escola passou a trabalhar com uma variedade muito grande de jornais. A própria diretora traz de casa, além de O Globo, o Jornal do Brasil. Alguns funcionários trazem o jornal O Dia, e como tem muitos alunos que são filhos de porteiro dos prédios ao redor da escola, eles trazem vários jornais do dia anterior que são depositados diariamente pelos moradores na portaria do prédio.

No CEPC e no CEI o programa teve a adesão de todos os professores. No CEI até a professora de educação física trabalhou com o caderno de esporte. Já no CEAM, a professora Maria Célia Lustosa encontrou muitas dificuldades à implementação do **Quem lê jornal sabe mais**. Apenas 10% dos professores aderiram ao programa sendo que a maioria era de língua portuguesa. Segundo ela, em princípio, todos os professores reagiram bem à entrada do jornal, mas, no decorrer do trabalho, as coisas mudaram. Ela relata que:

Uma coisa que atrapalha um pouco é que tem três turnos. Então, você não podia recortar os jornais. Fizemos inúmeros trabalhos sem recortar o jornal. Tem um outro aspecto que atrapalha. A gente tem um programa para dar. E, às vezes, há pouco tempo, há feriados e problemas que ocorrem. Então, você tem clara que a sua obrigação é o programa. E associar esse programa com o jornal, eu acho que para o professor de português é mais fácil (LUSTOSA, 2005, p. 2).

Outro aspecto que atrapalhou o desenvolvimento do trabalho no CEAM foi a dificuldade que a professora encontrou para reunir os professores, fazer reuniões para poder explicar e divulgar melhor o programa e passar o que foi trabalhado no curso. Pelo fato da escola possuir três turnos, ela acabou perdendo o controle das atividades que estavam sendo realizadas, sem ter contato com frequência com todos os professores. Além disso, a adesão do professor ao programa é voluntária, e, ela não tinha como cobrar a participação de cada um. No entanto, acredita que o professor que leva o jornal para dentro da sala de aula é um professor que não dá aulas convencionais. “Não é professor que dá aquelas aulas bem convencionais de ‘cuspe e giz’, que chega com a aula pronta. E a aula com o jornal não é uma aula convencional. É uma aula que todo mundo se movimenta, que todo mundo se levanta” comenta Lustosa (2005, p. 7).

Apesar das dificuldades para a implementação do programa encontradas no CEAM, foi possível constatar o desenvolvimento de uma atitude de cidadania nos alunos, como também nos alunos das outras duas escolas.

No CEAM, os alunos propuseram a professora a elaboração de micro-reportagens que falassem dos problemas da Rocinha, onde mora a maioria, com elaboração de maquetes que



abrangessem os problemas de saneamento básico que eles enfrentam lá. Eles se inspiraram na série de reportagens que saiu no Globo, Vida Severina, em que muitas pessoas da Rocinha apareciam falando de suas vidas. Infelizmente, esse trabalho não foi finalizado por falta de espaço no calendário escolar, mas foi uma iniciativa, que partiu de uma preocupação dos alunos. No CEI, os professores trabalharam muito com duas séries de reportagem – Vida Severina e Brasil sem nome. De acordo com a professora Déborah (2005), os alunos ficaram muito sensibilizados com o problema dos brasileiros que não possuem registro e documento. Isso, aliado ao trabalho realizado com a série Vida Severina, em que entrevistaram nordestinos que trabalham na escola, filhos de nordestinos que estudam com eles e nordestinos na feira de São Cristóvão, fez com que eles começassem a pensar nos outros e não só nos seus próprios problemas.

Eu acho que foi o trabalho que mais mexeu com eles, que foi trabalhar essa série Vida Severina e poder fazer o que o repórter fez com pessoas anônimas, que eles não conheciam, eles fizeram com pessoas que eles conheciam, que viam diariamente e não sabiam a história daquelas pessoas. Essa coisa de fazer o papel do repórter e conhecer a pessoa que está dando a informação mexeu muito com eles (LINS, 2005, p. 4).

No CEPC, eles fizeram um trabalho relacionado à Feira Pedagógica, que eles realizam todo ano. Neste ano o tema foi: Um novo olhar sobre a Lagoa. Esta atividade fez com que os alunos saíssem de dentro da escola e fossem interagir com a comunidade. Tiveram que pesquisar sobre a história da Lagoa, o meio ambiente, a questão da água, a topografia do local, violência etc. Descobriram que a plantação existente hoje no mangue foi realizada pela Univercidade, antiga Universidade da Cidade, e foram lá pesquisar o porquê do interesse daquela instituição pelo mangue. Toda essa atividade, segundo os professores, possibilitou que desenvolvessem uma atitude mais cidadã, uma consciência sobre seu bairro. A coordenadora do programa garante que, antes deste trabalho, os alunos podiam até jogar papel na lagoa, mas que hoje, já não fariam mais isso, por possuírem essa consciência ecológica.

Uma coisa interessante que ocorreu nas três escolas foi a participação dos funcionários nessa leitura do jornal. No CEPC, o jornal é usado diariamente pelos funcionários, alunos e, até pais de alunos que aparecem lá em busca das publicações. Maria Helena (2005) conta que os alunos levam o jornal para casa e o divulgam, fazendo com que os pais venham até a escola em

busca dele. Os funcionários também levam o jornal para casa. Não levam o exemplar inteiro, que lêem na escola, mas acabam levando um ou outro caderno para casa.

No CEI, o jornal fica na mão dos inspetores nos corredores, o que faz com que eles também dêem uma olhada, uma folheada no jornal. Além deles, cada andar ainda conta com atendente para ajudar os professores que também se servem desse jornal. A professora Déborah (2005, p. 5) presenciou algumas cenas de interação entre funcionários e alunos propiciada pela presença do jornal na escola.

E tinha momentos bonitos que a gente via um monte de alunos, um inspetor, um atendente, todo mundo lendo, discutindo as matérias. Eu achei que eram uns momentos bem interessantes que era difícil até de levá-los para sala de aula porque tava interessante a atividade no corredor.

Já no CEAM, o envolvimento dos funcionários não foi tão grande. A professora Maria Célia explica que os funcionários possuem interesse pelo jornal, mas que não possuem tempo para lê-lo, uma vez que o número de funcionários é pequeno para a quantidade de trabalho que existe na escola. Muitos funcionários mostraram interesse em levar o jornal para casa. “A gente viu muitos funcionários aí carregando O Globo”, relata Lustosa (2005, p. 4).

Questionados sobre o que deveria mudar e o que deveria continuar no programa, entre as respostas dadas não houve unanimidade em nenhum ponto. Com relação ao que não poderia mudar no programa, as três escolas destacaram as seguintes etapas do trabalho: as palestras iniciais, os cursos, o Repórter do Futuro, a Mostra de Trabalhos realizada no final do ano. Sobre o que deveria mudar no programa, eles responderam: que o programa abrangesse as crianças do CA à 4ª série do ensino fundamental, o calendário das atividades do programa deveria levar em consideração o calendário escolar, a quantidade de jornais foi considerada muito pouca. Não houve unanimidade em nenhuma das duas respostas.

As três escolas, não só acreditam no potencial da utilização do jornal em sala de aula, como expressam o desejo de continuar desenvolvendo atividades com o jornal dentro da escola. As alternativas para a continuidade do programa que as escolas se propuseram a buscar são a assinatura de jornais e continuar se candidatando a uma vaga para participar do programa novamente.

#### **4.2 Adequações para 2008 e 2011**

Dissemos em capítulo anterior, que a Associação Nacional (ANJ) de Jornais elaborou uma definição do programa de jornal e educação bem como as condições para que as empresas jornalísticas, filiados a ela, que já possuísem o programa se adequassem a este conceito. Analisando o programa **Quem lê jornal sabe mais** podemos destacar duas condições que o programa ainda não cumpre.

Até 2008, o **Quem lê jornal sabe mais** teria que aumentar o número de exemplares que distribui nas escolas que dele participam. Atualmente, esse jornal é distribuído em duas etapas diferente. Na primeira, são distribuídos 10 exemplares por dia e, na segunda, há cinco exemplares distribuídos diariamente, independentemente do número de alunos das escolas. Pelas exigências da ANJ, deveria haver um exemplar para cada grupo de 10 novos leitores e mais um exemplar para os mediadores da leitura.

Para 2011, a ANJ determina que os jornais auxiliem as escolas, já integradas ao programa, a encontrar maneiras para continuarem a ter acesso a exemplares de jornais no seu dia-a-dia. Para tentar cumprir de forma mais adequada essas exigências, hoje, após participar do programa, O Globo oferece 20% de desconto às escolas que queiram continuar tendo acesso ao seu jornal.

## 5 Considerações finais

O advento das novas tecnologias na área da comunicação e, conseqüentemente, o fortalecimento da mídia na nossa sociedade e no nosso cotidiano vem colocando em cheque o papel da educação como formadora de indivíduos independentes, questionadores, críticos e que ajam como cidadãos. Foi possível constatar que isso ocorre não apenas porque a mídia e as novas tecnologias ocupam um espaço cada vez maior na vida das pessoas, como, também, pela própria estrutura do campo da educação e pelos problemas que enfrenta. Isso fica evidente nos relatos das professoras entrevistadas, quando falam que, hoje, os educadores precisam trabalhar em duas ou mais escolas para terem o mínimo para sua sobrevivência, prejudicando a possibilidade deles se aperfeiçoarem e se adaptarem a esta nova realidade que a mídia impinge.

Neste sentido, as práticas educomunicativas têm-se mostrado como uma alternativa para suplantiar as deficiências encontradas nas escolas, por trazerem em si propostas de trabalhos em que mídia e educação atuam juntas com um mesmo objetivo: a formação dos novos cidadãos. Essas propostas, elogiadas e bem recebidas pelos educadores, já conseguiram mostrar alguns resultados, como foi possível observar no caso do **Quem lê jornal sabe mais**. A preocupação tanto dos profissionais de educação e de comunicação quanto do Estado pode ser observada nas seguintes iniciativas: da Associação Nacional de Jornal (ANJ) ao elaborar um conceito de Programa de Jornal e Educação; da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, através do programa Educom.radio; do Ministério da Educação, que desenvolveu o ProInfo e o TVescola.

Entretanto, estas ações esbarram nos problemas que o campo da educação enfrenta, dificultando a sua implementação e impedindo que os objetivos definidos por seus idealizadores sejam alcançados. A questão torna-se ainda mais complexa quando percebemos que os problemas são de duas ordens distintas. A primeira passa pela necessidade de que o campo da educação reconheça que não possui mais o monopólio na formação do indivíduo e que os meios de comunicação, além de outras agências, em muito influenciam nesta construção do indivíduo. A outra questão passa pela formação dos educadores. Ainda hoje, os professores passam por uma educação que prioriza o programa, a cultura letrada e que não leva em consideração a inserção das tecnologias da comunicação na educação. Então, esse professor que não foi preparado para trabalhar com a mídia na sua formação profissional, hoje, já no mercado de trabalho, não possui

tempo hábil para se aprimorar e é atropelado pela presença, direta ou indireta, da mídia em sua sala de aula.

Cabe ainda lembrar, que os meios de comunicação, em especial a televisão e a *Internet*, possuem um grande poder de sedução junto aos jovens, por serem mais dinâmicas, pela grande quantidade de imagens, por sua atualidade. Isto os leva a se interessarem muito mais pelo que se passa na tela da televisão ou na do computador do que no que é dito nas escolas. A abordagem da mídia é muito mais próxima da realidade dos jovens do que as teorias que lhe são passadas no quadro-negro.

A preocupação com relação à maneira como os jovens estão recebendo todas estas mensagens tem sido uma constante para muitos pesquisadores e uma das faces de todo o processo do surgimento da educomunicação. O desenvolvimento de uma leitura, de uma interação crítica com a mídia foi muito considerado no estudo sobre o surgimento deste novo campo. O estudo de caso realizado sobre o programa **Quem lê jornal sabe mais** do jornal O Globo mostrou que este tipo de iniciativa contribui para o desenvolvimento de leitores e de leitores críticos. Isso ocorre porque o trabalho deste programa não consiste apenas em distribuir exemplares de jornais às escolas participantes, mas por ter toda uma estrutura pedagógica destinada a ajudar os professores a trabalhar o jornal como objeto de estudo. Trabalhando com escolas públicas e particulares dentro do Grande Rio, ele vem a auxiliar na quebra da customização existente dentro da indústria cultural, uma vez que gera a possibilidade para que as camadas mais pobres da população, existentes dentro das escolas públicas, tenham acesso a um jornal considerado de elite, a uma informação destinada as camadas mais altas da sociedade. Essa oportunidade dada aos novos leitores, das escolas particulares e da rede pública, de ter esse novo olhar, essa nova percepção sobre o que está acontecendo no mundo através do jornal colabora para que eles tenham um entendimento melhor da realidade em que vivem e a possibilidade de atuarem como cidadãos plenos.

Observou-se, por exemplo, que programas como o **Quem lê jornal sabe mais**, surgem no pólo do emissor e têm uma forte atuação no pólo da recepção. O que acontece, na verdade, é que os meios de comunicação, de alguma forma, estão atuando também na etapa da recepção, na formação de receptores críticos aos seus próprios produtos.

Todos estes pontos levantados acerca do campo da comunicação e da educação, com o possível surgimento de um novo campo, trazem algumas questões à tona: estará a escola atenta às

modificações que ocorrem em nossa sociedade e no mundo dos adolescentes? De que maneira o campo da educação e da comunicação podem suplantar suas diferenças? A escola está preparada para trabalhar com a mídia? Ou, as escolas de educação estão atentas às novas necessidades de formação de seus profissionais? Quais são as mudanças necessárias no campo da educação para que atividades educacionais possam obter sucesso? Qual deverá ser o papel da mídia nisso? Por fim, o surgimento deste novo campo ajudaria realmente na formação de cidadãos conscientes de seu papel em sociedade?

São perguntas que já começaram a ser respondida através das pesquisas e estudos realizados por estudiosos do assunto e de ações práticas entre a mídia e a escola. O primeiro passo para o entendimento da articulação entre esse dois campos, suas práticas e conseqüências, já foi dado. Mas, ainda há uma longa caminhada, até que se tenham todas as repostas para estas questões e a muitas outras que surgirão no meio do caminho.

## Referência

AIDAR, Flávia. O jornal como Instrumento Pedagógico. **Revista Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 2, p. 123 – 126, jan./abr. 1995.

ALVES, Patrícia Horta. **Pesquisa aponta a emergência do campo da educomunicação**. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/12.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2005, 18:17.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS (ANJ). Disponível em: <<http://www.anj.org.br/>>. Acesso em: 6 out. 2005, 12:31.

BACCEGA, Maria Aparecida. Da comunicação à comunicação/ educação. **Revista Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 21, p. 07 – 16, maio/ago. 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1996. 351p.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação. A linguagem em movimento**. 3. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004. 241 p.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicador é preciso**. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/7.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2005, 18:03. p. 8.

ECO, Umberto. **Viagem na Irrealidade Cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. 353p.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de oliveira/ prefácio de Jacques Chonchol. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 93 p.

FÓRUM DE MÍDIA & EDUCAÇÃO, 1, 1999, São Paulo. **Mídia e Educação**: perspectiva para a qualidade da informação. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/acs/pdf/midiaedu.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2005, 17:02.

GARCIA, Edson Gabriel. **Comunicação e Educação**: Campos e Relações Interdisciplinares. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/21.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2005, 18:23. p. 14.

O GLOBO. **Quem lê jornal sabe mais**. Disponível em:  
<http://oglobo.globo.com/infoglobo/quemlesabe/>. Acesso em: 25 ago. 2005, 14:47.

GUIMARÃES, Margaret de Oliveira. Comunicação e educação: a perspectiva do receptor. **Revista Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 20, p. 15 – 20, jan./abr. 2001.

JACQUINOT, Geneviève. **O que é um educador?** Disponível em:  
<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/11.pdf>. Acesso em: 09 set. 2005, 18:16. p. 15.

LEITORES E LEITURAS. **Quem lê jornal sabe mais**: principais resultados da pesquisa. Rio de Janeiro, 1997. il. col.

\_\_\_\_\_. **Os programas de jornal na educação Brasileiros**: um diagnóstico. Rio de Janeiro: 2004. Disponível em: <http://www.anj.org.br/?q=node/40>. Acesso em: 3 out. 2005, 23:24. p. 42.

LOZZA, Carmen. **Quem lê jornal sabe mais**. Rio de Janeiro, 2005a. Entrevista concedida a T. P. Queiroz em 13 out. 2005a. p. 8.

\_\_\_\_\_. **Texto do professor**. Colaboradoras: Maria Rosane Ribeiro; Silvana Mansur Assad; Sílvia Pedreira. Revisão: Leila Pereira. Rio de Janeiro: [s.n], 2004. (Quem lê jornal sabe mais).

\_\_\_\_\_. **Jornal**: uma revisão crítica. Rio de Janeiro: [s.n], 2005b. (Quem lê jornal sabe mais).

\_\_\_\_\_. **Programas de leitura conquistam novos leitores e estimulam cidadania**. Disponível em: <http://www.anj.org.br/?q=node/40>. Acesso em: 6 out. 2005c, 11:00.

\_\_\_\_\_. **Idéias norteadoras do programa Quem lê jornal sabe mais para o ano de 2005**. Rio de Janeiro: 2005d. p. 4. (Quem lê jornal sabe mais).

LINS, Deborah Oliveira. **Quem lê jornal sabe mais**. Rio de Janeiro, 2005. Entrevista concedida a T. P. Queiroz em 9 nov. 2005. p. 6.

LUSTOSA, Mareia Célia da Silva. **Quem lê jornal sabe mais**. Rio de Janeiro, 2005. Entrevista concedida a T. P. Queiroz em 27 out. 2005. p. 7.



MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de Cartógrafo** – Travessias latino-americanas de comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004. 478 p. (Coleção comunicação Contemporânea, 3).

\_\_\_\_\_. **América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social.** In: Sujeito, o lado oculto do receptor. Organização: Mauro Wilson de Souza. Tradução e transcrição Silvia Cristina Dotta e Kiel Pimenta. São Paulo: Brasiliense, 2002. p. 39-68.

METTELART, Armand e Michele. **História das teorias da comunicação.** 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005. 227 p.

MILAN, Yara Maria Martins Nicolau. **Comunicação e Educação: Um Ponto de Mutação no Espaço de Confluência.** Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/18.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2005, 18:21. p. 30.

MOURA, Stephane de; MADEI, Gabriela. **Quem lê jornal sabe mais.** Rio de janeiro, 2005. Entrevista concedida a T. P. Queiroz em 9 nov. 2005. p. 2.

SILVA, Maria Helena Pacheco da. **Quem lê jornal sabe mais.** Rio de janeiro, 2005. Entrevista concedida a T. P. Queiroz em 25 out. 2005. p. 3.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Gestão comunicativa e educação: Caminhos da Educomunicação.** Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/5.pdf>>. Acesso em 09 set. 2005a, 17:49. p. 19.

\_\_\_\_\_. **Comunicação/ Educação emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais.** Disponível em: <[http://www.eca.usp.br/nucleos/nce/perfil\\_ismar.html](http://www.eca.usp.br/nucleos/nce/perfil_ismar.html)>. Acesso em: 08 set 2005b, 15:51. p. 11.

\_\_\_\_\_. **Uma educomunicação para a cidadania** Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/6.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2005c, 17:50. p. 14.

SOUZA, Karen Bezerra de. **Quem lê jornal sabe mais.** Rio de janeiro, 2005. Entrevista concedida a T. P. Queiroz em 7 nov. 2005. p. 2.

VIANY, Suelen.; RODRIGUES, André. **Quem lê jornal sabe mais.** Rio de janeiro, 2005. Entrevista concedida a T. P. Queiroz em 31 out. 2005. p. 3.

# ANEXOS

## ANEXO A - EMPRESAS JORNALÍSTICAS QUE POSSUEM PROGRAMA DE JORNAL E EDUCAÇÃO

Lista dos jornais associados à Associação Nacional de Jornais que possuem Programa de Jornal e Educação (LEITORES E LEITURAS, 2004).

<b>Jornal</b>	<b>Localidade</b>	<b>Programa</b>
<b>A Crítica</b>	Manaus (AM)	<b>A Crítica na Escola</b>
<b>A Gazeta</b>	Vitória (ES)	<b>A Gazeta na Sala de Aula</b>
<b>A Notícia</b>	Joinville (SC)	<b>AN Escola</b>
<b>A Tarde</b>	Salvador (BA)	<b>A Tarde na Escola</b>
<b>A Tribuna</b>	Santos (SP)	<b>Jornal, Escola e Comunidade</b>
<b>Comércio da Franca</b>	Franca (SP)	<b>Jornal/Escola</b>
<b>Correio</b>	Uberlândia (MG)	<b>Correio Educação</b>
<b>Correio Braziliense</b>	Brasília (DF)	<b>Leitor do Futuro</b>
<b>Correio do Estado</b>	Campo Grande (MS)	<b>Lendo Mais, Sabendo Mais</b>
<b>Correio Lageano</b>	Lages (SC)	<b>Lendo e Relendo com o Correio Lageano</b>
<b>Correio Popular</b>	Campinas (SP)	<b>Correio Escola - A formação pela informação</b>
<b>Diário Catarinense</b>	Florianópolis (SC)	<b>Assinatura Universitária</b>
<b>Diário da Amazônia</b>	Porto Velho (RO)	<b>Diário Educação</b>
<b>Diário da Manhã</b>	Passo Fundo (RS)	<b>Diário da Manhã na Sala de Aula - Ler e Refletir</b>
<b>Diário da Região</b>	S. José do Rio Preto (SP)	<b>Jornal na Educação</b>
<b>Diário de Natal / O Poti</b>	Natal (RS)	<b>Projeto Ler</b>
<b>Diário de Pernambuco</b>	Recife (PE)	<b>Leitor do Futuro</b>
<b>Diário de Suzano</b>	Suzano (SP)	<b>DS/Escola - O jornal a serviço da comunidade</b>
<b>Diário do Grande ABC</b>	Santo André (SP)	<b>Diário na Sala de Aula</b>
<b>Diário do Nordeste</b>	Fortaleza (CE)	<b>Projeto Jornal na Sala de Aula</b>
<b>Diário dos Campos</b>	Ponta Grossa (PR)	<b>Cidadão do Futuro</b>
<b>Diário Popular</b>	Pelotas (RS)	<b>Pé na Escola</b>
<b>Diário Regional</b>	Diadema (SP)	<b>Projeto Guri</b>
<b>Estado de Minas</b>	Belo Horizonte (MG)	<b>EM Vai às Aulas</b>
<b>Folha da Região</b>	Araçatuba (SP)	<b>Projeto Cultural Folha da Região na Sala de Aula</b>
<b>Folha de Boa Vista</b>	Boa Vista (RR)	<b>Folha nas Escolas</b>

<b>Folha de Londrina</b>	Londrina (PR)	<b>Programa Folha Cidadania</b>
<b>Folha de S.Paulo</b>	São Paulo (SP)	<b>Folha Educação</b>
<b>Gazeta do Oeste</b>	Mossoró (RN)	<b>Gazeta na Escola</b>
<b>Gazeta do Povo</b>	Curitiba (PR)	<b>Ler e Pensar</b>
<b>Hoje em Dia</b>	Belo Horizonte (MG)	<b>Jornal na Escola</b>
<b>Jornal da Cidade</b>	Jundiaí (SP)	<b>JC na Escola</b>
<b>Jornal de Jundiaí</b>	Jundiaí (SP)	<b>JJ na Educação</b>
<b>Jornal de Piracicaba</b>	Piracicaba (SP)	<b>JP na Escola</b>
<b>Jornal do Commercio</b>	Recife (PE)	<b>JC nas Escolas</b>
<b>Jornal do Povo</b>	Cachoeira do Sul (RS)	<b>JP/24ª CRE na Sala de Aula</b>
<b>Jornal NH</b>	Novo Hamburgo (RS)	<b>Jornal NH na Sala de Aula</b>
<b>O Dia</b>	Rio de Janeiro (RJ)	<b>O Dia na Sala de Aula</b>
<b>O Diário do Norte do Paraná</b>	Maringá (PR)	<b>Programa Educacional O Diário na Escola</b>
<b>O Globo</b>	Rio de Janeiro (RJ)	<b>Quem Lê Jornal Sabe Mais</b>
<b>O Imparcial</b>	São Luís (MA)	<b>O Imparcial na Escola</b>
<b>O Liberal</b>	Belém (PA)	<b>O Liberal na Escola</b>
<b>O Popular</b>	Goiânia (GO)	<b>Almanaque-Escola</b>
<b>O Povo</b>	Fortaleza (CE)	<b>O Povo na Escola</b>
<b>O Progresso</b>	Dourados (MS)	<b>O Progresso na Educação - Ensinando a Ler o Mundo</b>
<b>Pioneiro</b>	Caxias do Sul (RS)	<b>Seja Jornalista por um Dia</b>
<b>Tribuna do Norte</b>	Apucarana (PR)	<b>Projeto Cultural Vamos ler, Apucarana! / Vamos ler, Arapongas!</b>
<b>Tribuna do Planalto</b>	Goiânia (GO)	<b>O Jornal Vai à Escola</b>
<b>Vale dos Sinos</b>	São Leopoldo (RS)	<b>Jornal VS na Escola</b>
<b>Valeparaibano</b>	S. José dos Campos (SP)	<b>Vale Educar</b>

## ANEXO B - ENTREVISTA I

Entrevista realizada no dia 13 de outubro de 2005 com Carmen Lozza, diretora da Leitores e Leituras e do Programa Jornal e Educação da ANJ e coordenadora do programa Quem lê jornal sabe mais do jornal O Globo.

### 1 O que é a Leitores & Leituras?

**Carmen Lozza** - A Leitores & Leituras é um grupo de consultoria em educação com ênfase na questão da leitura e em particular na leitura de jornal composta por professores. Eu na verdade era professora da UFF, já vinha oferecendo essa consultoria ao Globo, ao programa de leitura deles desde 1989, que foi quando o programa ganhou uma característica pedagógica. Com a minha aposentadoria e com esse saber que já vinha sendo construído sobre leitura de jornal, eu resolvi criar esse grupo de consultoria e convidei alguns colegas para estarem comigo nisso. Então é um grupo que oferece consultoria a jornais basicamente, para a implantação de programa de jornal na educação, programa de leitura, a escolas.

### 2 Além do jornal O Globo, vocês trabalham com mais algum jornal?

**Carmen Lozza** - A situação hoje está um pouco diferente porque desde setembro do ano passado, eu como diretora, que sou quem vem à frente deste processo, fui convidada e assumi a direção do programa de Jornal na Educação da ANJ. Então, com isso, a consultoria que eu antes dava aos jornais, e que dava já a vários jornais para poder implantar seus programas, oficinas, cursos etc, eu, tendo assumido esse novo cargo, venho fazendo isso, mas não profissionalmente. Ou seja, antes eu cobrava para fazer isso, eu dava um curso aqui, uma orientação ali. O projeto, por exemplo, do Mato Grosso do Sul, do jornal O Correio do Estado foi feito sobre minha orientação. Durante um ano inteiro ia lá uma vez por mês a Campo Grande. Enfim, e hoje eu venho fazendo isso, mas já não mais de uma maneira remunerada porque eu como diretora do programa da ANJ eu já tenho dentro das minhas atribuições orientar os jornais. Então, eu estou fazendo isso mais independente. Agora, eu estou vindo de Lages, em Santa Catarina, mas eu fui dar uma orientação por força de ser diretora do programa da ANJ.

### 3 Quem faz parte da Leitores & Leituras?

**Carmen Lozza** - Hoje, nós temos trabalhando na equipe, eu, Carmen Lozza. Rosane Ribeiro, que é minha assistente direta, trabalhando na parte administrativa e pedagógica. E temos a Silvia Pedreira e a Silvana Mansur, ambas professoras de História, como pessoas fixas. E esporadicamente contratamos pessoas para trabalharem em atividades específicas. Por exemplo, O Fluminense está querendo uma atividade de orientação para o pessoal de tele-marketing deles, e pra essa atividade específica a Leitores contrata uma pessoa para trabalhar nisso temporariamente. O Globo fez o projeto Educando o Cidadão para o Futuro, fez um concurso aonde havia reportagens, fotos e charges que deveriam ser avaliadas. A Leitores contrata um grupo específico para fazer aquela avaliação. Mas sempre esporadicamente para projetos específicos. [...] Nesse segundo semestre, nós estamos fazendo uma avaliação das nossas ações e tentando fazer uma auto-avaliação, enfim por como a gente está... A gente insisti muito na formação do professor e que essa é a nossa questão central: formar o professor para formar o leitor. E aí a gente está tentando ver se amplia a equipe, vendo onde é que estão as nossas falhas, como é que a gente pode aprimorar o trabalho. Estamos justamente neste momento.

#### **4 A Leitores trabalha com O Globo desde 1989. Quem realizava o trabalho pedagógico antes da Leitores e Leituras?**

**Carmen Lozza** - De 1982 a 1989, O Globo gerenciou o programa sozinho. A partir de 1989, eles fizeram uma parceria com a Fundação Roberto Marinho, que tinha, na ocasião, um núcleo de estímulo ao hábito de leitura. Durante alguns anos, essa parte pedagógica ficou a cargo da Fundação Roberto Marinho. Depois, a partir de 1992, O Globo desfez essa parceria com a Fundação e fiquei eu, sozinha, terceirizada. Eu fiquei sendo a coordenadora pedagógica do programa contratada diretamente pelo Globo. Isso durou uns quatro anos, até que eu criei a Leitores e Leituras que passou a ser contratada. Nesta altura, o projeto já tinha crescido, eu já tinha me aposentado da universidade, já tinha até uma equipe para poder fazer visitas às escolas, oferecer o curso aos professores. Então, houve um crescimento da Leitores e O Globo, hoje então, já não é mais diretamente comigo pessoa física, mas com a Leitores e Leituras. O Globo é o coordenador do projeto, o promotor do projeto, mas a parte pedagógica é terceirizada conosco.

#### **5 Como é a relação da Leitores e Leituras com o Globo?**

**Carmen Lozza** - É um relacionamento... Não diria que a gente tem... Já houve mudanças também nesse percurso. De 1989 até 2002, trabalhávamos com a mesma equipe. Na verdade havia uma coordenadora geral do programa, que era uma pessoa do marketing do Globo e a Leitores e Leituras com a parte pedagógica. Nós planejavamos juntos o orçamento, idealizávamos todas as ações de uma maneira completamente integrada. De 2002 para cá, O Globo mudou a estrutura interna deles, hoje tem uma outra coordenadora, a Alessandra Teixeira que é coordenadora de marketing do Globo e do Extra. Não é mais uma pessoa exclusivamente para o Quem lê jornal sabe mais, como era no tempo desta pessoa, que era a Cláudia Lobo. Agora você tem uma coordenadora que é uma gerente de marketing, ela tem várias atribuições e o Quem lê jornal sabe mais é mais uma ação. Então houve uma mudança, uma perda eu diria a você nesses últimos anos por, talvez, dificuldades internas da empresa. Tem havido muitas empresas que estão em um momento de muito enxugamento das despesas e tudo o mais. Então, aquilo que antes era uma pessoa exclusiva do Quem lê dentro do Globo e nós aqui com a parte pedagógica, isso mudou de três anos para cá. Hoje, você tem no Globo, uma pessoa que tem várias atribuições e mais o Quem lê jornal sabe mais. Isso evidentemente que mudou muito... E com essa mudança, o Quem lê deixou de ter a prioridade que tinha antes.

#### **6 Gostaria de retornar em um ponto. De 1982 a 1989...**

**Carmen Lozza** - ...Era O Globo sozinho. Neste período, O Globo não tinha orientação pedagógica. Era só entrega de jornais. E havia um jornalista dedicadíssimo, o Afonso Faria, que visitava as escolas, fazia palestra para alunos. Neste período aqui era O Globo com o apoio dedicado do Afonso. De 1989 a 1992, é o período com a Fundação Roberto Marinho. De 1992 para 1998, O Globo me contratou e eu fiquei sozinha dando orientação ao projeto. O projeto com grande prioridade, tendo lá uma pessoa exclusiva para o projeto e eu do lado de cá. De 1998 até agora, a Leitores cuida da parte pedagógica. A partir de 2002, que ocorreram diversas mudanças. [...] Neste período aqui (início da década de 90), o Quem lê jornal sabe mais passa a ocupar a liderança nacional, ele passa a ser um programa, talvez, o mais ou um dos mais reconhecido em âmbito nacional, porque várias empresas jornalísticas realizam projetos deste tipo. Eu, hoje, como conheço vários programas ou todos que estão acontecendo nacionalmente, são 51 dentro da ANJ. E qual é o diferencial do programa Quem lê jornal sabe mais do Globo? É que é um programa que tem uma metodologia específica para trabalhar o jornal como objeto de estudo.

Porque de um modo geral, qual é a trajetória mais comum dos professores e dos programas? É trabalhar o jornal como recurso didático. É usar o jornal para ensinar alguma coisa. E a marca do Quem lê jornal sabe mais é, que nós estamos até fazendo toda uma auto-avaliação para ver como é que a gente caminha melhor nesta direção, não é que a gente faça um trabalho 100%, absolutamente, a gente está justamente fazendo uma autocrítica porque nem sempre os resultados que a gente almeja a gente tá conseguindo atingir, mas a marca, o diferencial, é que nós temos o Quem lê jornal sabe mais, quer dizer, no caso a Leitores e Leituras, tem uma proposta metodológica de como conhecer o jornal criticamente, de como analisar o jornal como objeto de estudo. Independente de o professor estar ensinando alguma coisa com aquele jornal, que ele não pare nisso. Que ele possa, usando aquele jornal para ensinar seja o que for, seja geografia, seja história, não importa, que ele também possa, esse mesmo jornal, ele trabalhar o jornal por inteiro e conhecer aquele jornal como objeto de estudo: a opinião do jornal, como o jornal forma nossa maneira de pensar, as características que ele tem mais positivas no sentido de formar um aluno crítico e criativo, e as características negativas que impedem com que esse aluno se desenvolva mais criticamente. Então é um trabalho mais voltado para o jornal como objeto de estudo.

### **7 É uma maneira de des-construir...**

**Carmen Lozza** - ...Exatamente. Onde, por exemplo, a sua forma pavimentada de ser que é uma maneira contrária a elaboração do pensamento, a função do pensamento científico que é importante que você articule e supere a fragmentação. A questão de o jornal reforçar a forma individualista de ser da nossa sociedade. De que maneira ele reforça esse pensamento imediatista e que separa as coisas ao invés de articular. Enfim, é uma maneira de trabalhar que vai além do trabalho do jornal como recurso didático. Esse é o diferencial básico da Leitores e Leituras e que se reflete no Quem lê jornal sabe mais que é o jornal que a gente orienta.

### **8 Qual é a interferência que O Globo tem sobre o programa?**

**Carmen Lozza** - Hoje, nós só temos autonomia na parte pedagógica. Nossa interferência hoje é praticamente nenhuma. Até 2002, nós definíamos o orçamento junto com a coordenadora, hoje nós não definimos mais, nós não temos o menor conhecimento. A gente só vê que estamos gastando menos, mas nós não temos nenhuma ingerência com relação ao orçamento. E, outra coisa, a parte de marketing do programa ela era decidida conjuntamente. A parte cultural que é uma coisa que nós valorizamos de mais neste projeto, que ele facilite a que alunos e professores possam ter enriquecimento cultural. Então, até 2002, havia uma decisão coletiva. O que a gente pode fazer, esse filme, será que pedagogicamente é bom? Vale a pena? Se você passava um filme, por exemplo, sobre Hercules, mas não era simplesmente passar uma sessão especial para os alunos, tinha um filósofo que ia discutir a mitologia, a questão da figura de Hercules com alunos e professores. Enfim, para cada atividade sempre tinha... Quando teve o Parque dos Dinossauros fizemos uma sessão especial para os alunos e veio um paleontólogo para conversar com os alunos sobre o tempo dos dinossauros e tudo o mais. Então sempre havia um enriquecimento cultural. E hoje nós não temos mais a menor ingerência nessa parte cultural. E o marketing se mantém independente. Como o orçamento é totalmente definido por eles, eles é que também decidem a parte cultural que vai ser feita, as atividades. Nós não temos nenhuma ingerência. Mudou bastante nesse sentido. No nosso ponto de vista para pior. O momento hoje é um momento de avaliação nesse sentido porque nem sempre há um entendimento coincidente sobre o que é bom estruturalmente.

**9 O problema acaba sendo por dois lados, a questão financeira que limita vocês planejarem as atividades, mas também a questão do diálogo já não ser tão aberto...**

**Carmen Lozza** - É... Hoje, nós cuidamos da parte pedagógica. Isso realmente somos nós e eles não têm a menor ingerência. E eu acho isso louvável. Toda essa parte da análise crítica que necessariamente envolve a análise de vários jornais, o nosso trabalho é com todos os jornais que nós quisermos. Nós não colocamos apenas O Globo na mão dos professores, são vários jornais para se fazer um trabalho. E isso é louvável, eles não têm a menos ingerência. E eu sei de outros jornais que isso não é permitido concretamente. Porque jornais, principalmente do interior, você tem uma dificuldade de em uma cidade pequena você estar com um programa que é de um jornal “A” e você colocar na mão do professor um jornal “B” que é concorrente ferrenho. Isso tem dificuldades. No Globo isso nunca houve a menor dificuldade, até porque nós nem continuaríamos trabalhando se não fosse assim, porque há total independência na nossa parte. Mas nessa outra parte, que era a parte de definição de orçamento e a parte do marketing, eles é que resolvem de acordo com o orçamento. Por exemplo, alguém que não cobre que possa ir, uma coisa é eu achar que nem é a melhor pessoa, mas eles decidiram porque é mais barato... Enfim, hoje há uma distância maior em relação à parte cultural e de marketing do projeto.

**10 Existe algum acompanhamento do Globo com relação às atividades que vocês realizam?**

**Carmen Lozza** - Não, nenhuma. Nem participam! Nem antes, nem hoje. Todas as reuniões que nós fazemos no jornal, a ida as escolas, não tem nenhum acompanhamento por parte deles. Nem mesmo a presença de ninguém do Globo. Não há, nem nunca houve, e continua sem haver.

**11 Não há um prestação de contas?**

**Carmen Lozza** - Eu tenho relatórios. Mas ninguém me cobra. Eu por uma questão de organização, nós temos a nossa... Se vai a uma escola, eu tenho uma ficha, que eu preencho ou alguém da equipe preenche em relação àquela escola. Ou no final do semestre, na avaliação do semestre, no final do ano. Mas eles não nos fazem nenhuma cobrança. Na verdade, pelos anos em que nós fazemos esse trabalho já se criou também uma confiança no trabalho. De toda maneira, nós temos a qualquer hora a possibilidade de prestar contas de todas as ações, porque nós fazemos internamente a nossa própria avaliação. Nós temos esse tipo de preocupação de avaliar, de tabular, de saber quais as escolas...

**12 Tem uma preocupação com relação ao número de escolas públicas e privadas. Existe também uma preocupação com relação à localização delas, a distribuição espacial?**

**Carmen Lozza** - Nós tentamos, quando as escolas se inscrevem, fazer alguma coisa mais harmônica dentro da área do projeto que é o Grande Rio. Então, mesmo que venham 100 inscrições da Baixada, cinco da Zona Sul e 10 da Tijuca, nós tentamos atender ao mesmo número distribuído pelo espaço. A gente não dá prioridade a nenhuma área. Então, a gente tem duas em Copacabana, duas no Méier ou Méier e Tijuca, ou algum bairro próximo, uma em Nilópolis outra em Nova Iguaçu. Uma em Niterói outra em São Gonçalo. A gente vai fazendo dentro do Grande Rio uma distribuição mais ou menos equânime.

**13 Como vocês avaliam os resultados do programa? Que é o que você falou que vocês estavam re-avaliando...**

**Carmen Lozza** - Como nós estamos querendo resultados e esse ano nós estamos investindo nisso... (Eu posso até te dar um texto sobre isso que nós demos aos professores) Nós estamos investindo na conquista do seguinte objetivo: que o projeto possa garantir o acesso ao jornal; que



o projeto possa garantir a re-interpretação desse jornal, uma leitura crítica; e uma terceira vertente que é a que nós esse ano estamos investindo mais nitidamente, com mais vigor, acesso à leitura e a expressão de alguma atitude cidadã em função da leitura feita. Alguma mudança mais palpável que nós possamos verificar com relação àqueles alunos que tiveram acesso e que leram o jornal. Então que alguma campanha, que alguma aula mais crítica, alguma coisa mais palpável possa ser feita e que expresse mais nitidamente algum vestígio de mudança ou alguma possibilidade de mudança na vida daqueles alunos e daqueles professores, é óbvio. Então, o que nós temos valorizado mais é isso. Esse ano, nós estamos o tempo todo, por isso, inclusive, nós estamos fazendo essa avaliação com consultor externo de doutores de universidades mais próximas, onde eles puderam conversar conosco. Nós apresentamos a eles o quadro geral das nossas intenções e dos nossos resultados concretos, e tentamos ver onde é que a gente está acertando, onde a gente está errando, porque os professores ainda insistem tanto em usar o jornal como recurso didático e essa análise crítica da mídia fica um pouco menos presente do que nós imaginaríamos. Enfim, então o resultado que nós esperamos é formar pessoas compreender melhor como que a mídia interfere na vida de cada um, principalmente a mídia impressa. É esse o resultado que nós temos buscado. Agora, não necessariamente estejam vindo na medida em que nós gostaríamos. Nós estamos em um momento de reavaliar, até porque, como eu te falei, esse ano a gente não está querendo, apenas, só o acesso à leitura crítica, a gente quer o acesso à leitura e... O que que houve depois?

**14 Tem alguma medida de quantas ações que estão acontecendo ou alguma meta com relação a isso?**

**Carmen Lozza** - Quantitativamente, não! A gente quer que alguma ação possa ser realizada, mas a gente não estabeleceu metas quantitativas não. Que cada escola possa nos mostrar, que nós possamos perceber que houve alguma ação dentro da escola. Mas não, cada escola tem que ter uma ação, ou cada escola tem que ter duas ações, ou cada escola tem que ter dez alunos envolvidos... Não há quantificação. Por enquanto, a gente não quantificou. A gente quer qualitativamente ações de cidadania.

**15 E vocês já tiveram alguma hoje...**

**Carmen Lozza** - Nós estamos na fase de avaliação, de visita de acompanhamento as escolas para colher esses dados e para realizar nosso seminário final, nossa mostra final que é agora em dezembro.

**16 A ANJ estabeleceu critérios a serem preenchidos pelos programas de jornal na Educação para 2008 e 2011. Como o Quem lê jornal sabe mais está se adequando a essas exigências?**

**Carmen Lozza** - Na ANJ, eu como diretora, assumi em setembro do ano passado, nós fizemos um levantamento de nacional, vimos que cada programa é de um jeito, tem programa que nem orientação pedagógica oferece, com isso não forma professores. E aí, nós partimos então, e a diretoria da ANJ aceitou, tudo muito bem. Teve um estímulo muito grande ao trabalho, uma valorização muito grande... Nós sugerimos que houvesse a formatação de um conceito do que é jornal na educação para realmente formar leitores. Estipulamos que tem que entregar o jornal inteiro, que tem que oferecer obrigatoriamente orientação pedagógica, não basta apenas enviar o jornal. Enfim, vários critérios para que o jornal, como você está dizendo, tem agora um tempo para se adequar. O Quem lê jornal sabe mais, no formato que ele tem hoje, ele já está dentro do que a ANJ propõe como critério básico. A não ser que ele, para os anos posteriores, vá reduzir

recursos ou... Enfim, porque pode haver alguma mudança. No formato que ele tem hoje, ele já está dentro do que a ANJ propõe. Já oferece orientação pedagógica, já manda o jornal inteiro. A única coisa que eu diria que o Quem lê jornal sabe mais teria que se adequar, pensando um pouco melhor, é que há uma orientação da ANJ que a empresa jornalística se responsabilize por ajudar a escola a ver como ela vai dar continuidade ao projeto, que é fundamental. Como é que vai continuar? E no caso do Quem lê jornal sabe mais não, oferece um ano e depois sai daquelas 50, vai para outras 50 e... Aquelas antigas, elas perdem e o programa não tem compromisso com a maneira como elas vão continuar o trabalho.

### **17 Com relação aos Pólos de Jornal na Escola, antigamente, vocês tinham nove Pólos, e hoje apenas cinco, o que aconteceu?**

**Carmen Lozza** - Os Pólos eram nove (Irajá, Campo Grande, Ilha do Governador, Botafogo, Baixada, Niterói, Leblon, Tijuca e Penha) funcionando em bibliotecas públicas. Hoje, eles são cinco, por que? Porque o da Ilha do Governador não tinha público. Você contratava, tipo, o Francisco Milani, maravilhoso, para dar um curso sobre a palavra e o teatro para tentar discutir essas questões com os professores e tal, e você tinha lá três professores, dois, quatro professores. Uma coisa horrível. Na Ilha não tinha público. No Leblon não ia ninguém. Iam duas pessoas, três... Não tinha como. Uma biblioteca... Não conseguiu nunca mais do que isso... A Penha não era questão de público. Na Penha nós encerramos porque para ter atividades lá você tinha que fechar a biblioteca. Era um espaço assim (fazendo sinal de que era pequeno) que se você fosse fazer uma oficina, uma palestra ali, você tinha que fechar para o público. Aí não tem cabimento. Em um país em que ninguém lê, uma pessoa que bate na porta da biblioteca, e dizer volta amanhã. Não volta, né? Então, a gente não quis continuar na Penha por esse motivo. O espaço não permitia. O outro que saiu foi o de Botafogo. Eram três por falta de público – Botafogo, Leblon e Ilha do Governador – e a Penha por essa questão específica de espaço. Então, hoje são cinco Pólos.

### **18 Essa falta de público era causada por que?**

**Carmen Lozza** - Não temos uma avaliação. Não temos nenhum estudo sobre isso. Em todos os Pólos era feito a mesma divulgação, que era pelos jornais de bairro, cartas para todas as escolas que já foram do Quem lê jornal sabe mais. Não tem explicação. Quer dizer, claro que tem, nós não conhecemos. Nós não pesquisamos isso. Sabemos que você poderia oferecer o que fosse, mas apenas três, quatro, cinco pessoas apareciam. Aí, durante um tempo, nós estipulamos assim, porque não foi fechado de repente, aquilo teve um processo. Primeiro, a gente definiu que a gente só realizaria as atividades onde tivesse pelo menos dez inscritos. Ficamos um tempo fazendo isso. Várias atividades nesses Pólos eram suspensas porque não tinham dez inscritos. Você tinha o custo do material que era distribuído, custo do pagamento ao professor que ia dar aula, o custo da condução para levar e chegava lá, tinham três, quatro, cinco. Os Pólos eles ainda tem que ser mais... Esse ano, eles estão com muito público, esses cinco, os remanescentes. Mas ainda há coisas para... Como tudo... Nunca chega a um formato definitivo. Tem que ter uma... Dar uma ajeitada nos Pólos. Os Pólos, inclusive as atividades que foram oferecidas, as primeiras, antes da gente começar a oferecer, a gente teve um amplo levantamento junto aos professores. Que tipo de temas eles gostariam de discutir, e forma oferecidos os temas mais indicados.

### **19 Como é que funciona a parceira com as bibliotecas?**

**Carmen Lozza** - Nós procuramos as Secretarias de Cultura, fizemos a proposta, eles aceitaram. No caso do Pólo da Baixada, não é com a Secretaria de Cultura, é com o Sesc de lá. Tem um

espaço muito bom e fizemos uma parceria com eles. Eles cedem o espaço. Nas propagandas que fazemos dos Pólos, que mandamos para as escolas, têm o endereço e o telefone de cada Pólo. O professor procura diretamente aquele Pólo. O pessoal lá da biblioteca faz as inscrições. O oferecimento propriamente dito das atividades é por conta nossa, quer dizer, do Globo.

**20 Por que vocês acham que O GLOBO possui esse programa?**

**Carmen Lozza** - Eu que acompanho da história do Programa, desde 1989, percebo que pelo menos duas são as motivações para que ele exista: pela importância de se formar novos leitores (o que é bom para o Jornal) e para que a empresa possa dar uma contribuição efetiva para a comunidade na qual está inserida (o que é bom para a nação).

**21 Houve diferença nos últimos anos do interesse do jornal pelo projeto? Por quê?**

**Carmen Lozza** - Algumas mudanças vêm acontecendo internamente, apesar de o orçamento do Programa permanecer inalterado (O Programa é totalmente mantido pelo próprio GLOBO), o que é demonstração de prioridade. No entanto, devido a ajustes que vêm sendo feitos na empresa, o Programa, que até 2001 era conduzido por desde 89 por uma única coordenadora, vem mudando sua direção. De 2001 até hoje já esteve entregue a duas outras coordenadoras diferentes (uma ficou dois a três meses e outra veio a seguir e está até hoje à frente do mesmo).

**22 Qual a diferença entre o programa do jornal O Dia e de O Globo?**

**Carmen Lozza** - Basicamente a maior diferença entre o Programa Quem lê jornal sabe mais e os demais programas (o de O DIA, inclusive) é que nós damos ênfase ao trabalho com o jornal como objeto de estudo e discutimos com os professores uma metodologia para que tal perspectiva possa ter lugar na escola. Não se trata de cada aluno e/ou professor dar a sua opinião a favor ou contra uma determinada notícia e a sua forma de produção, mas de um trabalho embasado cientificamente onde se parte de uma primeira leitura para uma análise histórico-crítica do jornal.

**23 O projeto do jornal O Dia é uma das razões de O Globo continuar com seu programa?**

**Carmen Lozza** - O Programa Quem lê jornal sabe mais foi criado em 1982, é o mais antigo programa de leitura mantido por uma empresa jornalística brasileira e tem sido referência para que muitos outros programas estejam sendo criados. Não creio que a sua manutenção se dê por existirem outros programas dos quais ele mesmo foi inspirador. Mas talvez esta pergunta deva ser dirigida ao próprio GLOBO, já que nós, da Leitores e Leituras cuidamos apenas da dimensão pedagógica do Programa.

## ANEXO C - ENTREVISTA II

Entrevista realizada no dia 27 de outubro de 2005 com a professora de português e literatura brasileira Maria Célia da Silva Lustosa do Colégio Estadual Antônio Maria (CEAM).

### **1 Como vocês ficaram sabendo do programa?**

**Maria Célia Lustosa** - Através do jornal O Globo.

### **2 Por que inserir o jornal na sala de aula é importante?**

**Maria Célia Lustosa** – Que os alunos lesem jornal, pra mim já era uma grande coisa. Porque eu acho que, além da leitura em si, o jornal estimula a cidadania. Você começa a dividir as coisas com o outro. Uma das perguntas que mais me impressionou quando eu comecei o trabalho, um aluno falou assim para mim: ah, professora, esses jornais nunca falam nada que nos interessa. Eu falei: como não te interessa? “Tudo que acontece lá em Brasília eu não estou interessado”. Olha, você vê que falta de conhecimento, de prática até. Porque o que acontece em Brasília é importante para ele. Você vê qual é a mentalidade do aluno. “Ah, o que acontece em Brasília não nos interessa”.

### **3 Você acha que isso mudou?**

**Maria Célia Lustosa** – Eu acho que mudou. Até porque, vou te explicar, o meu trabalho que não vai acabar, eu não vou conseguir apresentar, por um motivo prático que a gente tem que contar eles, inclusive no dia da avaliação lá no Globo eu vou falar isso, é que tem uma porção de variantes. Você vê, aqui na escola mesmo, semana de prova, semana de recuperação, não estou fazendo nenhuma crítica não, coloca isso bem claro aí, é o que é, são circunstâncias. Teve semana de prova, semana de recuperação, semana da cultura. Em resumo, eu fiquei quase que o mês de outubro inteiro sem ter contato com as turmas. Quando a gente retorna, agora em novembro, eu vou falar de trabalho com eles, tendo prova agora dia 22? Qual é o aluno que fica interessado nisso? No entanto, era um trabalho que eu fiz, com o maior capricho. Eu não fiz trabalho assim de qualquer maneira, eu fiz um trabalho pensado com eles. E eles sugeriram, olha que interessante o tema, fazer micro-reportagens com problemas que afetavam a comunidade deles. Olha que coisa interessante. Mas, eu não consegui terminar o trabalho. Por que? Por causa do tempo! Por causa das circunstâncias. A escola tem outros compromissos. A semana da cultura já estava agendada há muito tempo. Aí, o que eu fiz? Na semana da cultura teve um dia que teve um projeto O Dia da Poesia, e vou apresentar isso lá! Vou levar o que a gente fez no dia da poesia, que ficou muito interessante. Peguei o suplemento de O Globo que sai sábado Prosa & Verso e introduzi o assunto aos alunos. Falei com eles, mostrei que O Globo tem um suplemento literário que sai todos os sábados e através disso começamos os trabalhos. O Dia da Poesia foi ótimo, com rodas de leituras, com oficinas apresentadas... E os patronos do dia eram os poetas que aniversariavam naquele mês: Vinícius de Moraes e Carlos Drummond de Andrade. Os alunos leram poesias. Foi ótimo. E a gente vai levar esse trabalho lá para O Globo, para o dia da apresentação. Mas, o trabalho que eu tinha me comprometido de levar, não vou levar por causa disso.

### **4 Vocês possuem acesso a outros jornais?**

**Maria Célia Lustosa** – Revista, nós temos a Veja. Eu tenho a impressão que é gratuita. Não tenho muita certeza não, mas acho que é. Sempre tem uma na sala dos professores, aí a gente manda fazer uma cópia da escola. Eu estou até conversando com o diretor para ver se para o ano que vem nós fazemos uma assinatura de O Globo, porque tem 20% de desconto. Eles prometeram.

##### **5 A direção apóia as atividades oferecidas pelo Quem lê jornal sabe mais?**

**Maria Célia Lustosa** – Eles apoiaram, mas, acho que com todo mundo aconteceu isso, deixar liberar professor para ir as reuniões, para fazer reuniões. Isso eles não fizeram. Até porque eles devem ter lá os motivos deles. Eles dizem que tem compromisso com a Secretaria. Então, isso também é uma outra coisa que emperra. Você não pode estar suspendendo aulas para conversar com professores. É meio complicado.

##### **6 Quantos professores da escola participam do programa? De quais áreas?**

**Maria Célia Lustosa** – Trabalhando mesmo? Para eu não ser injusta, vamos colocar aí uns dez professores. A maioria sendo da área de língua portuguesa e literatura. O resto falou, achou ótimo, uma maravilha e tarara... Na hora que você pergunta assim: tem algum trabalho feito? Quer expor o seu trabalho? O professor de artes disse que queria fazer, ele ia pegar uma matéria que saiu em O Globo sobre a capela cistina, ele ia fazer com os alunos. Só que diz ele que não teve tempo. Perguntei para todo mundo, professor de matemática, professor de... Que eu vendi o peixe para todo mundo, mas nem todo mundo comprou. Uma coisa que atrapalha um pouco é que tem três turnos.

##### **7 Mas os professores reagiram bem à idéia de usar o jornal na sala de aula?**

**Maria Célia Lustosa** – Bem, reagem muito bem. Todo mundo gosta, gosta de ter o jornal e tal. Uma coisa que atrapalha um pouco é que tem três turnos. Então, você não podia recortar os jornais. Fizemos inúmeros trabalhos sem recortar o jornal. Tem um outro aspecto que atrapalha. A gente tem um programa para dar. E, às vezes, há pouco tempo, há feriados e problemas que ocorrem. Então, você tem clara que a sua obrigação é o programa. E associar esse programa com o jornal, eu acho que para o professor de português é mais fácil. Aí que mora o problema. Eu achei... Eu queria... Inclusive quando eu fui lá nas primeiras reuniões no Globo fui com um professor de biologia. Fiz o maior empenho para ele ir. Mas, aí depois, no meio do caminho... (fazendo sinal de que ele tinha desistido)

##### **8 Como reagiram os alunos ao uso do jornal na sala de aula?**

**Maria Célia Lustosa** – Eles gostaram. Eles gostam do jornal. Gostam de fazer o trabalho com jornal. Mas, o que ferrou um pouquinho foi isso. Eles gostam de recortar o jornal. E, por exemplo, no turno da tarde a gente não podia fazer isso, só no dia seguinte. Aí, você sabe, a gente não dá aula todos os dias. A notícia tem isso de perda de atualidade. Você pode trabalhar um tema. Foi o que eu fiz. Pedi, por exemplo, que os alunos seguissem aquelas reportagens, Vida Severina. As reportagens que eles fizeram foi muito nesta série de reportagens. Foi aí que eles começaram a ver que o jornal estava noticiando coisas de pessoas que moram lá na Rocinha. E, a maioria aqui é da Rocinha e do Vidigal. Então eles começaram... Isso foi muito interessante. Eu trabalhei muito com isso, sempre querendo fazer o trabalho deles, a micro-reportagem.

##### **9 A maioria dos professores que trabalhou com o jornal em sala de aula foi os de língua portuguesa. Não houve uma cobrança dos alunos com relação a outros professores, para que estes também levassem o jornal para dentro da sala de aula?**

**Maria Célia Lustosa** – Na verdade é que o engajamento do professor é voluntário. Você não podia obrigar ninguém a fazer nada. Aliás, isso é do próprio programa. E, você sabe, voluntário é voluntário. Há professores que enfatizam a matéria, tem outra metodologia, porque você não pode impor metodologia. Porque o trabalho com o jornal é uma metodologia.

**10 Mas, o que eu estava perguntando era com relação à reação dos alunos. Por exemplo, ele via um professor trabalhando com o jornal e via outro que não trabalhava. Ele não cobrava do professor que não usava o jornal para que ele começasse a usar?**

**Maria Célia Lustosa** – Isso eu não posso te responder. Não sei se eles cobravam dos professores. Eu não sei. Como é que eu vou saber isso? Não houve esse retorno. Mas quando a gente trabalhou com o jornal, todos que trabalharam, todos gostaram do trabalho, acharam que era interessante, é bom, que valeu a pena. Mas... Não é tudo como a gente quer.

**11 Os professores possuem o hábito de freqüentar o Pólo de Jornal na Educação?**

**Maria Célia Lustosa** – Não.

**12 Por que você acha que eles não freqüentam os Pólos de Jornal na Educação?**

**Maria Célia Lustosa** – O problema aí... Olha, você teria que fazer um estudo sobre ensino médio no estado do Rio de Janeiro. A verdade é que o professor trabalha em três ou mais escolas. Ele não tem tempo, é muito difícil ele ter tempo. Ele tem é que sobreviver. O ordenado é baixo e ele tem que trabalhar. Eu, por exemplo, sou professora aposentada da UERJ. Eu tenho um salário razoável. Mas a maioria não tem. Tem que trabalhar em três ou mais escolas para estar conseguindo ter o mínimo razoável. Aí, você acha que esse professor tem o tempo hábil? Não tem. Ainda mais em uma cidade como a do Rio de Janeiro que o transporte é complicado. Você perde muito tempo! E demanda tempo você ir freqüentar o Pólo.

**13 Vocês já observaram alguma mudança nos alunos com relação à leitura do jornal?**

**Maria Célia Lustosa** – Eu acho que houve, minimamente, mas houve sim. Eles ficaram mais interessados no jornal. Tinha aluno que reclamava. Uma das tônicas do projeto era o aluno ter direito de levar o jornal para casa. Não todos, mas muitos pediam para levar. Dissemos aos funcionários que no final de semana eles podiam pegar o jornal no final de semana para levar. Quando eu estava dando aula, eu oferecia a quem estivesse interessado para que buscasse o jornal na biblioteca no dia seguinte e levasse o jornal para casa. Até aula de papel machê eu pensei em fazer com eles. Dei a receita a eles de como fazer papel machê. Mas, isso não é a minha área também. A gente fala, mas não pode ficar cobrando. Isso seria com o professor de artes plásticas, de arte e educação. É isso... A gente fez o que pode. Eu não estou nem assim preocupada. Eu não sei se você está comparando com uma escola particular... Porque aí é diferente. As escolas do estado, pela reunião que eu fui semana passada, está todo mundo com os mesmos problemas. O que eu escutei dos professores nesta reunião é a mesma coisa, que não vai dar para terminar os trabalhos, que está sem tempo, que ele tem que fazer revisão da matéria, a prova já é agora dia 21, tem inúmeros feriados. Essa exposição em novembro é muito complicada para nós. Talvez, se ela fosse em dezembro não fosse tão complicado.

**14 Qual foi a atividade mais criativa desenvolvida por um professor da escola com o jornal na sala de aula?**

**Maria Célia Lustosa** – Olha, modéstia parte, eu acho que foram essas micro-reportagens que não foram acabadas, que não deu tempo de terminar. Eu achei criativo porque eles mesmos

procuraram os meios que eles precisavam para, por exemplo: nós vamos gravar, nós vamos filmar. Sabe? Eu acho isso... Porque o resto, desculpa eu falar... Um trabalho que uma professora está fazendo de jornal também é criativo, né? Há trabalhos criativos. Há uns trabalhos feitos por alunos que eles usaram *cartoon*, aquele do Chico. O Chico, por exemplo, é muito querido pelos alunos. Eles adoram aquilo. Então, eles fizeram um trabalho de quadrinhos, que foi muito criativo, que é do aluno.

**15 Foi percebida uma mudança de comportamento dos alunos com relação a sua cidadania?**

**Maria Célia Lustosa** – Que eu saiba, eu achei interessante essa preocupação que eles passaram a ter com alguns problemas que eram gerais, eles começaram a se interessar por problemas outros que não fossem só os deles. Eles gostam de falar de amor, de namorado, de sexo, essas coisas. Eles começaram a se interessar um pouco mais por problemas, por exemplo, da merenda escolar, do próprio prédio escolar, que aqui é apertado, que eles não têm espaço para recreio. Eu achei que eles começaram a ter atitudes mais cidadãs. E os meus alunos, com quem eu trabalhei o projeto, eu trabalhei só com uma turma, porque eu só tenho uma turma de língua portuguesa as outras são de literatura, então ficava mais complicado, porque língua portuguesa chega mais no projeto, essa turma eu achei que eles ficaram mais ligados nas coisas. Você vê, eles é que quiseram fazer as micro-reportagens. Não fui eu que sugeri nada não. “Professora, que tal a gente falar da nossa comunidade, dos problemas que estão afetando a nossa comunidade?”. Eu achei ótimo.

**16 Os funcionários, de alguma maneira, estão envolvidos nas atividades do programa?**

**Maria Célia Lustosa** – Não. Se você quiser que eu justifique, eu até justifico. O trabalho é muito e os funcionários são pouquíssimos. Então, eles não têm tempo. O interesse pelo jornal, muitos demonstraram. Muitos demonstraram o interesse de levar o jornal para casa para ler. E isso já é uma grande coisa. A gente viu muitos funcionários aí carregando O Globo.

**17 Atualmente, vocês estão recebendo cinco exemplares de jornal. Como é feita a divisão deles?**

**Maria Célia Lustosa** – A gente deixava na sala dos professores para eles usarem e no final do dia ia tudo para a biblioteca. Ficava na biblioteca até o final da semana. No final da semana, então, havia uma distribuição para quem quisesse. Inclusive, nessa distribuição, muitos funcionários levavam o jornal para casa.

**18 O que você acha que poderia mudar no programa?**

**Maria Célia Lustosa** – Olha, eu acho que o que deveria mudar, principalmente, é o calendário. O calendário, muitas vezes, coincidi com o calendário escolar de época de prova, de recuperação. Por exemplo, para a gente ser bem prático, se esta exposição fosse em dezembro era muito melhor. Porque a gente terminaria os trabalhos, ficaríamos com os trabalhos e estes poderiam ser expostos. E até poderíamos levar alunos porque para uma coisa interessante, eles estão sempre prontos. Eles querem ir ver a exposição, ver os trabalhos dos outros. Falei toda a programação, que vai haver eventos paralelos, apresentação daqueles alunos que fizeram os 80 anos de O Globo. Eles ficaram... “Aí, a gente quer ir!”. Então em dezembro a gente conseguiria gente para ir.

**19 O que você acha que deveria continuar?**

**Maria Célia Lustosa** – As palestras iniciais. Elas são muito elucidativas, dão boas idéias de como a gente deve trabalhar o jornal, trabalho comparativo com outros jornais para chamar a atenção das características específicas de cada jornal. Achei muito interessantes aquelas palestras iniciais. Agora, eu vejo outros pontos que deveria mudar. Por exemplo, a quantidade de jornal é muito pouca. Dez jornais... Você vê, tem várias turmas. Mesmo que o professor queria trabalhar com o jornal, o jornal já está com outro que pegou que... Sabe? Isso... Se o jornal está ali, o professor pega e usa, mesmo que depois ele não apresente trabalho, mas ele usou. Você vê agora tem cinco exemplares, eu acho muito pouco para três turnos. Os pontos positivos, que eu considero, são esses. Os cursos que eles oferecem são muito elucidativas. Mas, no decorrer do programa, não é tudo culpa deles, né? Se eu estivesse fazendo uma análise do programa, o programa perde um pouco por isso, algumas datas... Não há nenhum... Eu acho que deveria haver uma preocupação do jornal de pegar o calendário escolar. Porque nós temos obrigações que são ditas pela Secretaria de Educação. Não dá para você mudar. Eu me lembro de uma reunião que houve aqui, que ela quis marcar aqui, que era o dia de prova do colégio. Aí esvazia, professor não está querendo reunião, ele tem a prova para corrigir, ele tem que fiscalizar a prova. É complicado. Então, eu acho que minimamente deveria ter uma preocupação com o calendário escolar. Por exemplo, essa exposição agora em novembro eu acho que é completamente equivocada. Acho que ela não vem ao encontro de nenhuma escola, vem de encontro. Essa é uma crítica veemente que eu vou fazer lá na avaliação. Eles não querem saber se é interessante para a escola, deve ser interessante para alguém, mas para a escola não é não. Até nesse ponto de quando eles diminuem o número de exemplares, quando eles deveriam ampliar por que o aluno já está interessado, fazendo trabalhos. E não é nem o projeto, deve ser no Globo, deve ser problema mercantil do Globo. Deve ser. Eu não sei direito. Eu acho que isso é uma falha. Eles deviam aumentar o número, não diminuir. Outra coisa, a comunicação entre eles e a escola também é meio complicada. Eles chegam atrasados, chega depois, chega em cima da hora. Os aviso de reunião chegam em cima da hora, eles sempre querem reuniões, eu só recebi convite de reunião. Eu trouxe uma carta que eles queriam enviar para os diretores, mas até hoje eles não mandaram dizer quando será a exposição. E a gente já tinha que saber ontem quando é que vai ser a exposição. Todos os professores disseram isso na ultima reunião que houve. Precisávamos saber disso ontem.

## **20 Vocês recebem, através do programa, convites para eventos culturais?**

**Maria Célia Lustosa** – Não. Eles não ofereceram não. Até pensei que fosse. Eu quando entrei no projeto, eu estava esperando muito mais. Quando você falou aquele negócio da expectativa, eu não quis falar, mas na verdade é que eu esperava muito mais. Esperava que esses eventos patrocinados pelo O Globo, que eles oferecessem umas poucas entradas para a gente levar os alunos. Não teve nada disso, nadinha, nadinha.

## **21 Como vocês pretendem continuar o programa no ano que vem?**

**Maria Célia Lustosa** – Eu já falei com os diretores da escola, aqui a gente tem três diretores, da gente fazer uma assinatura de O Globo para que, eventualmente, o professor precisando, querendo trabalhar com o jornal, como é o meu caso, eu gosto de trabalhar com o jornal, possa trabalhar com ele. E as sementes que foram plantadas, a gente tenta continuar. Eu por exemplo, gostei muito das orientações que eu recebi no curso que é dado aos coordenadores que a gente passa aos professores todas as idéias. Eu gostei muito de fazer o curso e trouxe muita coisa para as aulas de português, mas nas turmas de literatura foi mais complicado. Porque em literatura você tem romantismo, tem as escolas literárias. Às vezes, não dá para você pegar a matéria do jornal e trazer pra sala. Você pode, como a gente fez com aquele suplemento de O Globo, quando



eles falaram sobre Eça de Queiroz. Aí eu levei para sala de aula, eles leram comigo as reportagens. E como o suplemento é de sábado, eu trouxe o meu de casa e peguei os daqui também e levei para sala. Eles recortaram, viram o filme O Crime de Padre Amaro. Esse é um trabalho que eu posso levar lá para a exposição. Mas, você vê o que eu queria mesmo, que eu acho que desenvolveria a cidadania neles, eram as micro-reportagens, que até setembro estava na medida. Era para agora, outubro e novembro, para a gente fazer as maquetes que eles queriam fazer. E eu acho até legal, porque os alunos não quiseram apresentar. No dia da avaliação eu vou falar isso, não fui eu que não quis apresentar, eles que não quiseram. “Professora, a gente não tem tempo para fazer um trabalho direito!”. Assim! Você acha que eu ia insistir com eles? “Professora como é que vamos fazer uma maquete nesse tempo?”. Eles queriam fazer uma maquete do lugar onde eles moram, dos problemas que eles estão abordando. Eles abordaram o saneamento básico, aquele canal que passa no meio da rocinha, tem coisas que eles não podem nem fotografar. Tem uma censura danada. Eles levaram em conta muitos programas culturais, os núcleos culturais que tem ali, escola de teatro. Queriam gravar as reportagens, mas eles teriam que passar isso para o papel, assim como você vai ter que fazer, e eles não têm tempo hábil. Turma do 1º ano é difícil você dizer para eles fazerem em casa. Sozinhos? Como é que vai ficar aquilo? Então, eu achei muito bom o senso crítico deles. “A gente não quer apresentar o trabalho assim! A gente queria fazer um trabalho direito. Como é que a gente vai fazer isso com esse tempo?”. Eu tive que calar a minha boca.

## **22 Por que você acha que O Globo possui esse programa?**

**Maria Célia Lustosa** – Na verdade, eu acho que O Globo está fazendo o papel deles, que é fazer uma propaganda do próprio jornal, do jornal que é deles. E acho que eles podiam fazer muito mais do que eles fizeram. Podiam fazer muito mais. Agora, a gente também não sabe qual é o potencial de uma grande empresa. Por exemplo, houve uma visita à gráfica de O Globo que é muito interessante. Foi um ponto positivo. Eles vieram aqui... Mas, oferece uma visita... Você viu quantos alunos têm aqui? Eles oferecem uma visita para quarenta alunos. Não é irrisório? Isso é importante você escrever aí. Quer dizer... Não vejo muita determinação, muita preocupação de O Globo com o projeto. Eu posso falar isso lá. Eu vi muito mais para eles mandarem um número de jornais para a escola, para o aluno ficar conhecendo O Globo, de repente pode, até, passar a ler O Globo. É só isso. Mas, não é nada que faça diferença para O Globo justamente por isso. Acho que seria muito mais interessante se eles oferecessem mais coisa. Aqui é uma escola pobre. As escolas do estado são escolas pobres. Elas não têm recurso nenhum. Você vê fazer uma visita... Deu lanche? Deu! Veio buscar de ônibus? Veio! Mas, para 40 alunos de uma escola que tem 1.500 alunos. Não dá vontade de rir? É claro que eles devem ter lá os argumentos deles. Mas eu não os conheço, não sei quais os argumentos que eles têm. Mas, eu acho que se eles oferecem um programa para um determinado número de escolas, tem que oferecer um programa de acordo com o número ou, então, não ofereça. Não oferece, escolhe. Faça uma escolha mais exígua, possível de escolas e trabalhe apenas com aquele número bem restrito de escolas. Ora, com esse número que eles escolheram, foram eles que determinaram. Eu achei certas coisas... Fiquei até com vergonha de falar. “Só 40 alunos podem ir!”. Eles todos queriam ir. Sabe como é que eu resolvi? São quarenta turmas, escolhe um aluno por turma. Não é duro? Aí, você chega lá na sala e pergunta: quem é que quer ir a gráfica de O Globo e conhecer o jornal? Todo mundo levanta o braço, falou “eu”, “eu”. E a escolha? O que eu fiz? Falava com eles, olha, vamos ver, tem que desestimulá-los. Quem é que pode ir? É às sete horas da manhã. Para poder começar a cortar. E que critério eu ia ter para poder escolher o aluno? É às sete horas da manhã. Vocês moram longe. Quem é que pode vir? Aí começou a cair o número. A gente fez assim. Aí, no final, de algumas

turmas foram mais alunos porque outros de outras turmas não puderam ir, não apareceram, aí pegaram de outras turmas. E tem... Tem aluno que não tem dinheiro para vir para a escola. Tem aluno que quando chove o lugar fica inacessível e não tem como vir à escola. Tem os que moram lá na Rocinha e no Vidigal e tem dia que está tendo tiroteio e eles não descem, não podem sair. Então, tem “n” problemas. Mas, mesmo assim, eu acho que chamar 40 alunos em uma escola de 1.500 alunos. Eu gostaria de continuar o trabalho assim com as idéias que foram colocadas. Eu acho que professor, como fez a Charmea, a Sônia, o Cláudio, os professores que fizeram gostaram de fazer o trabalho. Mas, eu acho que o professor que faz esse trabalho é aquele que já gosta de fazer esse trabalho não convencional. Não é professor que dá aquelas aulas bem convencionais de “cuspe e giz”, que chega com a aula pronta. E a aula com o jornal não é uma aula convencional. É uma aula que todo mundo se movimenta, que todo mundo se levanta. Eu fazia nessa turma em grupos. Eu me arrependi muito de não ter guardado vários trabalhos que eu fiz antes. Eu não visei à exposição. Eu não fiquei preocupada com a exposição. Só, quando eles disseram sobre a exposição em 10 de julho, é que eu fiquei escolhendo o que eu achava que fosse mais significativo. Quando, na verdade, eu deveria ter pegado os trabalhos feitos e apresentava. Mas, eu não fiz isso não. Esse foi um erro meu. Na hora de me avaliar, de avaliar o projeto. Um dos erros foi esse. Devíamos pegar todos os trabalhos que foram feitos com jornal e guardado, e no dia da exposição apresentado. Se o trabalho era interessante, interessantíssimo, isso não era problema da gente. A gente devia levar os trabalhos que foram feitos. Eu fiz muito trabalho com eles durante o ano com o jornal. Mas, eu considereei como melhor trabalho esse que eu não consegui terminar.

## ANEXO D - ENTREVISTA III

Entrevista realizada no dia nove de novembro de 2005 com a professora de Tecnologia da Comunicação e Informação (TCI) Déborah Oliveira Lins do Centro Educacional Espaço Integrado (CEI).

### **1 A disciplina de Tecnologia da Comunicação e Informação existe há muito tempo no CEI?**

**Déborah Lins** – Eu já trabalho lá há pelo menos cinco anos e acho que ela foi instituída há seis anos, desde que saíram os parâmetros curriculares nacionais e a indicação dos TCIs ao invés da informática. Então, não é uma coisa de você preparar o aluno para usar a informática. Não tem, assim, um cursinho de informática na escola. Que na época, quando começou o de informática na escola a gente ainda ensinava a informática. Hoje, não precisa. Os alunos já chegam sabendo isso. A gente usa os meios tecnológicos para produzir alguns trabalhos, geralmente aliados a outros professores, a outras disciplinas. Mas, aí a gente coloca as tecnologias a serviço. A gente não põe o aluno para aprender a usar, porque hoje não precisa.

### **2 Como vocês ficaram sabendo do programa?**

**Déborah Lins** – Na verdade, tem uma coordenadora da nossa, a Telma Polon, que é comum à outra escola, o Colégio Rio de Janeiro. Ela é também coordenadora lá. E, o Colégio Rio de Janeiro já tinha sido convidado para participar. Aí, ela inscreveu o CEI para esse ano.

### **3 Por que vocês decidiram participar do programa?**

**Déborah Lins** – Primeiro veio o convite, quer dizer, a gente se candidatou. Aí, vieram os convites para gente participar das palestras. A gente analisou os materiais. A Carmen Lozza visitou a escola, apresentou o programa para ver se era isso mesmo que a gente queria. E, aí a gente ficou... A escola ficou muito entusiasmada porque a gente já tem a introdução do jornal na escola com professores de história e geografia. A gente achou que ia ser mais uma possibilidade de trabalho utilizando o jornal. Então, eles me inscreveram porque eu trabalho diretamente com o jornal no TCI, e as outras professoras se candidataram para participar.

### **4 Como foi a participação dos outros professores da escola?**

**Déborah Lins** – Primeiro, nós três fizemos o curso. E, aí depois nós começamos a receber as assinaturas. Eu ficava responsável pela administração das assinaturas, distribuindo pelo segmento, pelas séries e na biblioteca. E todo dia a gente fazia um trabalho de hemeroteca, de selecionar as melhores matérias. Então, cada professor na nossa sala de professores sempre dava uma olhada no jornal e me indicavam alguma matéria que gostaria... A professora de geografia sempre pedia para selecionar os cadernos de Boa Viagem. Enfim, foi assim... A professora de geografia tratou, principalmente, da parte do caderno Boa Viagem, fez um trabalho grande. E, o lance do projeto sobre Vida Severina envolveu quase que todas as áreas. Cada professor trabalhou... A professora de língua portuguesa trabalhou com a literatura de Cordel, a de geografia trabalhou com estatística, matemática com levantamento de dados, e cada um foi trabalhando. Mas, os coordenadores, quer dizer, eu ficava mais com essa parte centralizada de assinatura e distribuição, e as outras professoras trabalharam com as matérias na sala de aula. E, depois a gente trazia para o TCI para produzir alguma coisa em função disso. A gente produziu um vídeo da... A gente levou os alunos à Feira de São Cristóvão, fizemos várias entrevistas com os funcionários da

escola, tudo baseado na série de reportagens Vida Severina. E, aí, a gente produziu tudo isso lá no TCI.

### **5 No geral, houve alguma diferença na recepção ao uso do jornal na sala de aula entre os professores de humanas, exatas e biológicas?**

**Déborah Lins** – Não houve. Todos os professores trabalharam com o jornal, mas não o tempo todo, nem todos os dias... Em geral, todos os professores trabalharam, até a professora de educação física trabalhou com os cadernos de esporte. Mas, não foi nada assim imposto. Cada um foi se envolvendo e como tinha a facilidade de ter o jornal na escola e vários exemplares, aí todo mundo já... Principalmente, quando vinha do final de semana que os professores liam o jornal em casa, já chegavam na segunda dizendo o que queriam para trabalhar. Então, assim, de forma geral, quase todos trabalharam.

### **6 Vocês possuem acesso a outros jornais?**

**Déborah** – Revista, a gente têm porque a escola assina a Veja, a Nova Escola. Várias revistas na área pedagógica que a escola recebe na biblioteca. E, de vez em quando, a gente comprava ou o Extra ou O Dia quando queria fazer alguma comparação das reportagens. Mas O Globo é que ficou o tempo todo. Mas a gente trazia esse outros também.

### **7 Além da triagem que vocês fazem de matérias para sala de aula, de que outra maneira o jornal é distribuído dentro da escola?**

**Déborah Lins** – É sempre um para a biblioteca, um para a sala dos professores, e aí quando eram dez, a gente distribuía dois exemplares para cada andar, são quatro andares. Agora, é um para biblioteca, uma para a sala dos professores e um para cada andar. Mas, por exemplo, tinha uma época que a professora de língua portuguesa pedia para separar todos para ela trabalhar com eles na 6ª série. Aí, nesse dia a gente já avisava para os colegas que todos os exemplares... Todos não! A gente tirava nove e deixava um para que todos os colegas vissem o que eles queriam que separasse. Mas, naquele dia o professor que pediu era quem trabalhava com o jornal.

### **8 Vocês tinham alguma expectativa com relação à entrada do jornal na sala de aula?**

**Déborah Lins** – Olha, não tinha porque a maioria dos nossos alunos, embora não tivessem o hábito de folhear o jornal e ler o conteúdo interno, eles já tinham essa facilidade, o acesso ao jornal. A maioria dos pais assina algum jornal. Então, a gente quis mesmo fazer uma exploração maior do conteúdo do jornal. Mas a gente... Essas duas matérias foram a grande surpresa que a gente trabalhou, o Vida Severina, que foi realmente uma surpresa e que veio de encontro a uma série de questões que a gente queria trabalhar, e depois saiu Brasileiro sem nome, que foi uma série de reportagens dos brasileiros que não têm registro, não têm certidão de nascimento, não têm documento. E, aí, a professora de português trabalha com eles a parte do registro desde a 5ª série. Então, ela pediu para separar e foi uma série muito boa também. Mas fora isso, a gente não tinha uma expectativa, a gente não esperava uma coisa assim... Nós ficamos mais surpresos com os resultados do que com o que a gente realmente esperava que fosse. Não tinha assim grandes... Pensamos que fosse uma coisa tranqüila, mas na verdade nos surpreendemos com a rotina.

### **9 Por que a escola achou importante trazer o jornal para dentro da sala de aula?**

**Déborah Lins** – Na verdade não achou. Não foi assim uma coisa que a escola achou. A gente foi participar do curso que a coordenadora tinha nos inscrito, mas assim o grupo dos professores e a direção não tinham uma dimensão dessa importância de ter o jornal dentro da sala de aula. Então,

a medida que a gente foi fazendo o curso e foi trazendo, a gente foi vendo no que isso refletia. Mas, a gente, a princípio, não tinha essa idéia de que ia ser muito importante. A gente quis oferecer mais uma possibilidade para eles de informação. Acho que a gente aproveitou o momento.

#### **10 A direção apóia as atividades oferecidas pelo Quem lê jornal sabe mais?**

**Déborah Lins** – Sempre! Inclusive de facilitar em relação a organizar os horários, o turno entre os professores para participarem das reuniões, para poder trazer alunos, foi a escola que trouxe as alunas, embora tenha sido apenas duas representantes, uma de cada turma. De forma geral, eles facilitam e ajudam muito para a gente poder participar.

#### **11 Como reagiram os alunos ao uso do jornal na sala de aula?**

**Déborah Lins** – A princípio, a grande expectativa era, principalmente, dos meninos. Segunda-feira, todos eles queriam ver o caderno de esportes. Antes de qualquer coisa, eles queriam ver o caderno de esportes. Depois, é que a gente foi conquistando os meninos para que eles vissem o outro conteúdo. Depois que saíram as notícias de corrupção, aí eles começaram a ficar mais ligado nas questões de política. A partir daí, eles quiseram dar mais uma olhada. Mas, a princípio, o grande “tchan” era chegar segunda-feira de manhã e ver o caderno de esportes. Só, depois que isso foi sendo modificado.

#### **12 E há uma cobrança dos alunos ao uso do jornal na sala de aula? Por exemplo, eles cobram um professor que fica muito tempo sem usar o jornal?**

**Déborah Lins** – Sabe o que existe? Por exemplo, tem dias que a gente chega lá muito atribulado e esquece até de levar o jornal para o andar. Aí, eles vão lá em baixo atrás. “Cadê o nosso jornal?”. Porque, assim, eles têm a certeza de que o jornal é deles. Não fica dentro de uma sala de aula, a gente deixa no corredor com o inspetor e eles circulam esse jornal. O jornal é muito mexido. Aí, quando a gente esquece, eles vão atrás. E, fora isso, com os professores, eu não sei, porque... Eu trabalhei direto com a série Vida Severina, e levei muito o jornal, os cadernos de informática, então, eles sempre me perguntavam sobre o que tava saindo, a gente sempre fazia comentários... Mas, eu acho que a gente não deixou de levar, então, não teve essa cobrança.

#### **13 Os professores possuem o hábito de freqüentar algum Pólo de Jornal na Escola?**

**Déborah Lins** – Não.

#### **14 Por que você acha que isso acontece?**

**Déborah Lins** – A grande questão para gente são os horários de reunião. Eu fui a muitas quando a gente conseguia conciliar o horário, enquanto era lá no Globo. Aí, quando passaram essas reuniões nos Pólos, geralmente as reuniões eram no horário de trabalho. E, aí, você vê, você teve dificuldade de falar comigo... Realmente, deixar a turma... Quando é assim para participar de um evento, quando é assim uma coisa mais esporádica. Agora, em escola é muito difícil você deixar a turma para participar de um encontro, para participar de uma reunião fora do ambiente da escola. Eu não consegui participar. Quando as reuniões coincidiam de ser no horário que as outras duas professoras, que trabalham em outras escolas, elas também não conseguiram acompanhar. Então, eu acabava sempre indo as reuniões. Mas geralmente por isso...

#### **15 Vocês já observaram alguma mudança nos alunos com relação à leitura do jornal e de outras leituras, como livros?**

**Déborah Lins** – Eu acho que eles tiveram mais consciência, pararam de ler só as manchetes. Desde que a gente começou a trabalhar com as reportagens, selecionar, eles mesmo... Porque a gente não dizia, olha vamos trabalhar com essa, a gente pedia para eles buscarem. Então, havia uma necessidade de fazer uma leitura da matéria completa, de ver os dados que tinham. E eu acho que eles começaram a criar o hábito de ler uma coisa maior. Mas, livros, eles são leitores porque a leitura da literatura infanto-juvenil na escola é muito valorizada. Então, eles estão sempre em roda de leitura. A gente pode dizer que a gente tem lá um grupo de leitores. Não é uma coisa de cobrança da leitura, mas fazemos muitas atividades para que esse fôlego de leitura seja fomentado.

#### **16 Qual foi a atividade mais criativa desenvolvida por um professor da escola com o jornal na sala de aula?**

**Déborah Lins** – Foram tantas... Deixa eu pegar uma que tenha chamado mais atenção... A maior que nós preparamos que foi essa atividade do... Acho que a que causou maior impacto foi a da série de reportagens do Brasil sem nome. As crianças ficaram muito sensibilizadas, muito assustadas com as informações. E com a relação com o Vida Severina, o que foi muito bom é que eles puderam entrevistar os funcionários da escola. A gente deu a câmera, tudo na mão deles para eles conversarem com os nordestinos que são da escola, ou alunos, filhos de nordestinos... Então, eu acho que foi o trabalho que mais mexeu com eles, que foi trabalhar essa série Vida Severina e poder fazer o que o repórter fez com pessoas anônimas, que eles não conheciam, eles fizeram com pessoas que eles conheciam, que viam diariamente e não sabiam a história daquelas pessoas. Essa coisa de fazer o papel do repórter e conhecer a pessoa que está dando a informação mexeu muito com eles. Eu acho que esse foi um dos trabalhos que o jornal contribuiu mais para a gente desenvolver.

#### **17 Foi percebida uma mudança de comportamento dos alunos com relação a sua cidadania?**

**Déborah Lins** – Pois é, isso mesmo que eu estou te dizendo com relação, principalmente, à essas duas séries. É a questão das denúncias políticas que eles ficaram mais inflamados com o que estava acontecendo, mas querendo saber. E saiu muitas coisas das denúncias de corrupção e tal, e eles estavam sempre ali lendo para se informar sobre o que estava acontecendo, o que um falou, o que o outro falou. Agora, com relação à cidadania é poder mesmo olhar e saber a história do outro, pessoas que convivem com eles no dia-a-dia. As entrevistas que eles fizeram lá na Feira de São Cristóvão foi uma coisa assim... Eles ficaram... Essas meninas [as duas meninas que foram a Mostra de Trabalho e entrevistadas, Gabriela Madei e Stéphanie de Moura] foram à feira e teve uma hora que a gente procurava e não achava, não achava... E, elas pararam para entrevistar uma senhora que tinha vindo do nordeste há muitos anos, contou uma história. E, aí elas: “Professora, a gente não sabe de nada da vida das pessoas, cada um desses que a gente está entrevistando...”. Então esse olhar, esse impacto e, eu acho assim, de querer saber o que o outro passa, porque são meninas de uma classe dominante, são meninas de um poder aquisitivo alto e, que muitas vezes, tem essas pessoas trabalhando para eles na cada deles ou os próprios atendentes da escola.

#### **18 Os funcionários, de alguma maneira, foram envolvidos na leitura de jornal?**

**Déborah Lins** – Todos. Você não tem idéia. Porque muitos desses funcionários trabalham nos nossos andares. Então, desde a inspetora, a gente tem em cada andar um atendente para ajudar na limpeza, pegar alguma coisa, ajudar o professor. E aí é uma farra porque eles também se serviram desses jornais diariamente. De no dia de não chegar o jornal, eles cobrarem. “Professora, cadê o jornal?”. No mês de julho, que não teve entrega dos jornais, eles foram os primeiros a perguntar

sobre o jornal. E tinha momentos bonitos que a gente via um monte de alunos, um inspetor, um atendente, todo mundo lendo, discutindo as matérias. Eu achei que eram uns momentos bem interessantes que era difícil até de levá-los para sala de aula porque tava interessante a atividade no corredor.

### **19 O que você acha que poderia mudar no programa?**

**Déborah Lins** – Não consigo fazer essa avaliação agora não. Agora, por exemplo, essa questão das reuniões... Eu não sei até que ponto qual era a importância das reuniões nos pólos, não consigo te dizer porque eu não pude frequentar. Eu não sei se poderia fazer por escola, ou talvez mais espaçadas, mais... Porque no início a gente conseguia frequentar e depois... Eu não sei como foi a troca com os outros colegas porque eu só consegui participar de uma. Então, eu não consigo avaliar. Eu gostei muito, mas não tenho como avaliar. Eu senti falta de poder participar, certamente devem ter sido momentos muito ricos... Mas também, a gente trabalha de mais...

### **20 Como vocês pretendem continuar o programa no ano que vem?**

**Déborah Lins** – Nós já éramos assinantes. A gente não tinha a quantidade de exemplares que passamos a receber esse ano. O próprio diretor da escola tem a idéia de aumentar o número de assinaturas que a gente recebe por conta do envolvimento dos meninos. Então, ele já disse que vai manter a assinatura e fez a proposta pra gente de aumentar o número de assinaturas. Ele viu que, realmente, não tem como manter apenas um jornal na escola porque todo mundo quer, todo mundo participa, todo mundo quer usar.

### **21 Vocês recebem, através do programa, convites para eventos culturais?**

**Déborah Lins** – Sim. Fomos a alguns. Teve um filme até agora há pouco tempo que a gente recebeu convite falando sobre a síndrome de *down*. Esse foi o que a gente recebeu convite mesmo, que chegou até a gente. Mas outras atividades a gente acabou não conseguindo participar. Então, essa programação cultural ligada ao programa, não sei se a gente não estava muito ligada ou se não funcionou muito. Mas, sentimos falta...

### **22 Por que você acha que O Globo possui esse programa?**

**Déborah Lins** – Olha, eu acho que não dá para gente ser ingênuo. Não só porque... Eu não considero que seja uma promoção do jornal, que o jornal está se promovendo. Porque eu acho que um veículo como O Globo que já tem um domínio mesmo do mercado não precisaria. Mas, vejo como uma empresa que procura fazer através das suas ações algumas atividades ligadas à cultura, a educação. Então, assim, seria um programa a mais. Da mesma forma que a gente vê que tem programas voltados à educação nos outros veículos da organização, então, eu acho que o jornal não ia ficar de fora. Claro que a gente vê que é um programa que tem qualidade. Mas, não considero que tenha sido uma questão de promoção. “Vamos fazer uma coisa que dê IBOPE”. Não vejo isso. Acho que é um programa que... Porque a empresa tem essa preocupação de estar promovendo ações de cultura, de educação. Pelo menos, a gente está sempre acompanhando aí que as empresas do Globo estão sempre fazendo alguma coisa com relação à isso.

## ANEXO E - ENTREVISTA IV

Entrevista realizada no dia 25 de outubro de 2005 com a pedagoga Maria Helena Pacheco da Silva do Centro Educacional Pequena Cruzada (CEPC).

### **1 Como vocês ficaram sabendo do programa?**

**Maria Helena da Silva** - Através do jornal O globo, onde há a divulgação do programa.

### **2 Vocês estão participando pela segunda vez, como foi isso?**

**Maria Helena da Silva** - Eu falei que nós gostaríamos de participar de novo, mas ela disse que no ano seguinte não poderíamos. Aí ela disse, “olha a qualquer momento que a gente tiver oportunidade, você nos escreve”. E de vez em quando eu ligava para o pessoal, pra saber, mandava um e-mail perguntando se tava tudo bem, como estava o projeto, se tava dando certo. Falava que eu estava trabalhando com o jornal na escola, chegando de uma outra forma no jornal, mas que o projeto dentro da escola continuava. Aí, quando foi no início deste ano, foram selecionadas as escolas e uma das escolas desistiu, e acho que por tanto eu pedir, insistir, aí ela me ligou e perguntou se eu não gostaria de participar novamente.

### **3 Quando vocês participaram da primeira vez, qual era a sua expectativa com relação ao programa?**

**Maria Helena da Silva** – Na verdade, no primeiro momento eu achei que fosse muito mais, porque eu não conhecia o projeto, pelo caminho do acesso do aluno ao jornal como o jornal fonte de divulgação. Eu não tinha noção do que ele tinha em termos educacionais.

### **4 E agora, nessa segunda participação?**

**Maria Helena da Silva** – Eu já sabia e era aquela coisa, sabe? Eu não podia perder essa oportunidade porque eu sei o quanto de facilitação ele traz para a coisa da leitura crítica. E, é claro que eu tenho novos alunos durante esses dois anos. Novos alunos entraram e aí tiveram uma outra oportunidade de estar incluídos neste projeto.

### **5 Nestes dois anos, vocês tiveram professores participando dos Pólos de Jornal na Escola?**

**Maria Helena da Silva** - Tive. A própria professora de artes que, no primeiro momento e neste segundo momento. No primeiro momento, ela não era coordenadora, mas ela participou ativamente porque ela se encantou com o projeto. Ela foi fazer visitas, ela foi a entrevistas, algumas entrevistas que eles fizeram com o pessoal de artes mesmo e com outros profissionais, ela foi levando os alunos, ela foi a visitas que foram propostas por eles... Então, os professores todos participam.

### **6 Mesmo sendo longe? Porque hoje não tem mais nenhum Pólo aqui na zona sul.**

**Maria Helena da Silva** – Tinha um aqui na Gávea, na Bartolomeu Mitre. E, por exemplo, teve um trabalho que eles fizeram no MAM, que foi uma profissional que foi fazer o trabalho no MAM com o grupo, aí eles conheceram, tiveram junto da proposta do trabalho e conheceram o MAM. Foi um grupo de sétima e oitava série. Então, quer dizer, você não pode perder essas oportunidades. Por isso que quando eles me dizem: “Tem não sei o que não sei aonde. Você pode ir?”. Eu digo: “vou dar um jeito”. Essa exposição dos 80 anos de O Globo que eu tive aqui, quando eles me ofereceram, eles me disseram: “Maria Helena, você tem que pagar o frete!”.



Eram uns painéis enormes e eram 12 painéis. Eu não tenho condição, a escola, de pagar o frete. O que eu ia fazer? Pedi para um, pedi para outro. Não consegui, ficava caríssimo. Aí, eu liguei para a Mônica que é coordenadora desse projeto e falei: Mônica, eu queria que isso viesse para minha escola, eu tenho a oportunidade de divulgar esse trabalho de vocês, para os meus alunos isso vai ser muito legal. Existe uma história desse jornal que eu não queria que meus alunos perdessem. Ela disse que ia ver o que conseguia para me ajudar. Pediu a um, pediu a outro, e conseguiu alguém que fez o frete de graça, trazendo e levando. Quer dizer, então, você tem que correr atrás, você não pode dizer assim: “ah, não, está muito complicado, eu não vou não! Ah, não, como é que eu vou com esse bando de menino?” Pega o ônibus 157 aqui e desce na porta. Aí de manhã não tem aula, ou chega mais tarde. Você tem que criar uma situação de oportunidade porque se não você não faz. Eu gosto de criar... Então, essa visita que eles fazem a gráfica e ao jornal lá na cidade, a Globo patrocina tudo. Eles foram dentro de um ônibus confortabilíssimo, eles têm lá uma orientação, eles oferecem um lance, podem ir dois professores. Então, você não pode perder! “Ah, não, não quero ir nessa visita não!”. Claro que tem que ir! Aí, os alunos não podem ir de sapado aberto, não podem ir de bermuda, tem que levar um agasalho. E você diz para os alunos: “você tem uma regra, uma regra a cumprir”. E isso faz parte da educação, da socialização. Cada pessoa saber o ambiente que vai ou está e saber como se comportar nele. Isso faz parte da educação. Numa sala de aula, numa biblioteca, num museu, num *show*. Você leva o aluno a ter um comprometimento com aquilo.

## **7 O que você acha que poderia mudar no programa?**

**Maria Helena da Silva** – Que a gente pudesse participar do programa várias vezes. Que as crianças pequenas de CA à 4ª série de alguma forma estivessem envolvidas no projeto, pela própria proposta do projeto. Eu te falei, na minha escola eu estendi, mas ele não é aberto às crianças pequenas. Não sei te dizer como seria nem teria uma sugestão. “Ah, se fizéssemos assim...”. O que eu entendo é que as crianças pequenas, menores, quando vem a circulação do jornal na escola, gera interesse e elas vão a procura. Então, eu acho que seria uma coisa bem legal. As minhas sugestões, todas as coisas que a gente pensou, tudo que a gente leva de sugestão, elas são muito receptivas. “Ah, se a gente fizesse assim?”. “Ah, vai ficar legal”. Então, as coisas vão acontecendo, muitas sugestões que nós demos e que foi acontecendo.

## **8 O que você acha que deveria continuar?**

**Maria Helena da Silva** – O Repórter do Futuro, que é maravilha, que os meninos amam! Essa exposição de trabalhos do final que é uma comunhão muito legal, porque todas as escolas que participam estão lá nesse dia. Então, os nossos alunos e todos os alunos têm a oportunidade de ver o quanto ele é amplo. E se faz uma interação no final. Então um leva uma coisinha de teatro, outro leva uma coisa para exposição, outro faz uma apresentação de dança. Enfim, eu acho que é uma interação muito legal! É uma coisa que não pode perder, porque para a finalização do projeto é muito legal. E as pessoas que trabalham nesse projeto são de excelente qualidade. É um padrão de qualidade da Globo, eles prezam pela qualidade, eles primam por isso. E essa coisa da preocupação de todos estarem envolvidos, professores, coordenadores, alunos, como cidadãos. Aproveitando isso aí como benefício de alguma coisa, não pode ser só o benefício próprio. Ampliar o seu olhar como cidadão, você ter uma outra postura como cidadão. Gerar o interesse nas pessoas de fazer alguma coisa em prol da cidadania desse nosso país.

## **9 Vocês pretendem continuar se candidatando a participar do programa?**

**Maria Helena da Silva** – Sempre que tiver uma oportunidade, a gente vai se candidatar. A Carmen sabe disso! Eu acho que na verdade a gente faz um elo muito legal com esses profissionais que acabam se tornando um pouco amigos da gente, que vêm a nossa casa e que conhecem o nosso trabalho, que divulgam o nosso trabalho. Então, é assim. Você chegou lá e eles logo indicaram para você vir a Pequena Cruzada. A Mônica ligou para elas e disse que precisava de uma escola. “Ah, procura a Maria Helena lá na Pequena Cruzada”. Eu tenho hoje um assistente social do Globo, que às vezes eles fazem alguma campanha, e, que logo, assim, que eu comecei a participar do projeto ela ficou sabendo, e hoje nós recebemos doações por essa proposta de assistência social do Globo. Então, as coisas vêm. No final do ano, O Globo tem uma doação de cesta de Natal para os funcionários. E a cada ano, sempre sobra um número de cestas que é com alimentação, uma cesta de natal bem legal. E sempre eles me chamam e doam para a instituição, e doam para as crianças, brinquedos, eles fazem doações... Então, vai ampliando. Você fica dentro de uma proposta que é bem legal.

### **10 Os funcionários, de alguma maneira, foram envolvidos na leitura de jornal?**

**Maria Helena da Silva** – Eles usam o jornal diariamente esse jornal que fica exposto na biblioteca, na entrada, no próprio acesso às salas de aula. Para você ter idéia, não só os nossos funcionários como, por exemplo, eu tenho mães de alunos que chegam aqui e diz assim – “Maria Helena, posso levar os classificados?”, “Maria Helena, eu posso levar o Boa Chance?”, “eu posso levar o cadernos de economia?”. Então, o que acontece? O aluno leva para casa e divulga e o pai vem às vezes em busca... E isso com os nossos funcionários então... Raramente, eu tenho um dia que nenhum funcionário me diz: “Maria Helena, posso levar essa parte assim assim do jornal?”. Eles levam o jornal todo? Não, eles manuseiam o jornal todo aqui na escola na hora do almoço, nos intervalos. O jornal é aberto a todo mundo.

### **11 Por que você acha que O Globo possui esse programa?**

**Maria Helena da Silva** – Querendo ou não, a gente tem que admitir que O Globo tem uma preocupação social. O sistema, a empresa Globo, eles têm um trabalho de assistência social muito vasto. E aí espirra para todo mundo. São todos os jornais que têm? Infelizmente, não são! Entendeu? Eles aí se sobressaem. Eu, por exemplo, enquanto escola, enquanto instituição, muitas vezes procurei por eles para algumas coisas e, todas às vezes eu sou bem recebida, mesmo que eles não possam fazer aquilo que eu pedi. Mas, eles sempre te dão um alento e depois te devolvem de alguma forma. Por exemplo, as minhas crianças já participaram de debate na Xuxa, as minhas crianças já foram ao Faustão... E aí, é legal você ir ao Faustão? É! Eu fui com três turmas, é muito legal. Não só pela participação de uma coisa nova, mas porque lá você aprende que estrutura é essa, olha que funcionamento é esse. Olha o quanto você abre os olhos dessa meninada para ampliar o seu desejo a um mundo profissional. Olha que leque de profissionais que eles apresentam para essa meninada. Quanta coisa você pode ser na vida. E o que acontece? Às vezes, a clientela aluno tem uma visão muito fechada sobre aonde ele pode trabalhar. Quando eles chegam em um lugar desse, que é imenso, que você tem um processo, você vai numa condução, a distância, o local que é enorme, por onde ele entra, quem são as pessoas que recebem, como é o processo... Aí você vai dizendo para os alunos no caminho: “Gente, vocês viram aquele rapaz que abriu a porta do ônibus para gente e veio dizer como é que a gente deve se conduzir? Viu como ele é educado? Viu como ele é fino? Que capacidade em termos de ensino, de aprendizado, será que ele teve? O que ele tem? O que será que ele fez? Será que ele tem o primário? Será que ele tem todo o processo de formação do primeiro grau? Será que ele tem o ensino médio? Será que ele teve que correr atrás do que para conseguir esse lugar?”. Entendeu?

Quer dizer, você amplia o horizonte do aluno nestas oportunidades. Agora, se você está fechado dentro da escola com ele, eles não enxergam muitas opções. Ele não teve nem a oportunidade de enxergar. Então, se você leva os meninos ao Museu de Arte Moderna, ao Centro Cultural Banco do Brasil, a um negócio desses, é uma beleza. Eu já os levei através do projeto do Globo, eu recebi 50 convites para levá-los ao Teatro Municipal para assistir a um balé.

## **12 Com que frequência vocês recebem esses convites culturais?**

**Maria Helena da Silva** – Duas, três vezes. Culturais, às vezes até quatro vezes ao ano. Por exemplo, Teatro Municipal, uma vez por ano. Museu de Arte Moderna, uma vez por ano. Mas, eu os levo, assim, ao Museu do Índio, ao Museu do Folclore, ao museu do sei lá do que... Eu procuro levar ao máximo que eu posso. Aí, você consegue ampliar a visão do aluno. Essa é a nossa filosofia enquanto escola. Pegar esse aluno de baixa renda, que a princípio é oferecido poucas oportunidades a ele, e alavancá-lo a uma proposta de um ensino profissionalizante e de que ele tem plenas condições de estar lá fora no mercado de trabalho.

## ANEXO F - ENTREVISTA V

Entrevista realizada no dia sete de novembro de 2005 com a aluna Bezerra de Souza (17 anos) do 3º ano do ensino médio do Colégio Estadual Antônio Maria (CEAM).

**1 O que você achou da inserção do jornal na sala de aula?**

**Karen de Souza** – Eu achei super legal. Porque tem muita gente que não tem como comprar jornal todo dia. A gente está em uma escola pública, tem gente que não tem condição. Ou, por exemplo, eu tenho condição, mas não tenho tempo. E a gente aproveitou o jornal muito para o vestibular, o 3º ano precisa muito da informação que está no jornal. Porque o jornal está no dia-a-dia, o vestibular cobra o dia-a-dia, o ENEM então... Várias respostas o professor tinha discutido em sala de aula. Várias coisas que a gente tinha lido e discutido caiu nas provas agora, caiu agora... Várias coisas que a gente utilizou no ENEM foi porque a gente pensou graças... A questão agrária no Brasil, você vê isso nos jornais e o professor fez um ponto entre o que estava no jornal e o que poderia cair no ENEM. E, aí a gente lembrava, “nossa aquilo que o professor falou...”. Em português a gente fez análise dos erros de português no jornal. A gente trabalhou com orações, períodos. Pegava uma folha do jornal e o professor pedia: “retire do jornal uma oração”, “retire do jornal um período composto”. O professor de matemática também pegava algumas coisas, como gráficos...

**2 Mudou alguma coisa na sua leitura, na leitura dos seus colegas?**

**Karen de Souza** – Com certeza mudou, porque o que acontecia? Os meninos só liam esporte, as meninas só liam aquela parte das crônicas do dia-a-dia ou, então, ia para aquela parte da novela. Agora não! Como os professores começaram a instigar a gente, a chamar nossa atenção: “Gente, no vestibular cai isso aqui, as coisas do dia-a-dia”. E o professor de geografia toda aula falava: “olha só, vocês vão ter que ler jornal se vocês quiserem passar no vestibular”. Muita gente começou a ler jornal todo dia e perceber a diferença. Depois então que começaram as provas a gente começou a sentir bem a diferença por a gente estar sabendo mais.

**3 Mudou alguma coisa na sua visão de mundo?**

**Karen de Souza** – A maneira como eu via o mundo... Eu sempre lia jornal... Mas, eu acho que para algumas pessoas sim. Algumas pessoas nunca liam nada. Aí, por exemplo, eu como leio jornal, até o professor na sala, a gente tinha um diálogo diferente, era um diálogo mais erudito, talvez. Mas, aí as pessoas passaram a vir para gente. Não era mais um papo sobre novela das oito, começaram a falar mais sobre MST, sobre o que tava acontecendo em Brasília, falar sobre os Estados Unidos, colocar as questões mais afundo... Começaram a falar sobre várias coisas, sabe? Falavam sobre o Iraque, julgamento de Sadan, sobre a procura do Osama Bin Laden. Falar sobre coisas mais profundas. Acho que a visão de várias pessoas mudou. Isso com certeza!

**4 Você participa do Repórter do Futuro?**

**Karen de Souza** – Sim!

**5 E você está gostando?**

**Karen de Souza** – Adorando!

**6 Quais são as principais atividades que vocês desenvolvem no Repórter do Futuro?**

**Karen de Souza** – A gente trabalha um pouco com formação de texto, com... A gente tem vários tipos de matérias. A Lilia, nossa professora, ensinava para gente como fazer a seleção da informação. Ela dava textos com as informações erradas, a gente aprendia a organizar as informações e fazer um texto claro. A gente aprendia tudo que era necessário para a gente fazer uma boa matéria. Aprender a falar com as pessoas através do texto.

## ANEXO G - ENTREVISTA VI

Entrevista realizada no dia nove de novembro de 2005 com a aluna da 8ª série do ensino fundamental, Stéphane de Moura (14 anos) e com a aluna da 7ª série do ensino fundamental, Gabriela Madei (14 anos) Do Centro Educacional Espaço Integrado (CEI).

**1 O que vocês acham da inserção do jornal na sala de aula?**

**Stéphane de Moura** – Ah, foi legal...

**Gabriela Madei** – É interessante assim... Diferente... É que eu não leio jornal, mas como eles levaram, eu meio que me obriguei a ler... E, eu gostei!

**2 Mudou alguma coisa na leitura de vocês? O que mudou?**

**Gabriela Madei** – Eu acho que sim, acho que despertou o interesse, e aí, acho que a leitura ficou mais crítica...

**3 Vocês começaram a ler mais coisas com a inserção do jornal na sala de aula?**

**Stéphane de Moura** – Esse ano eu tenho começado a ler mais... Não sei se é por causa do jornal, mais eu tenho começado a ler mais... Não sei se foi por causa disso...

**4 Mudou alguma coisa na sua visão de mundo?**

**Stéphane de Moura** – Agora eu sei mais, por exemplo, se falam de... Sei lá... Qualquer coisa, tipo, “mensalão”. Agora eu sei direito o que está acontecendo, antes eu achava que era só: alguém roubou alguma coisa e nada. Agora, eu sei exatamente...

**Gabriela Madei** –... A gente sabe os fatos.

**Stéphane de Moura** – O que está acontecendo no Iraque. Você vê que não tem a mínima noção de nada.

**5 Qual foi a atividade mais legal, envolvendo o jornal, que vocês fizeram em sala de aula?**

**Stéphane de Moura** – Acho que é isso que a agente está fazendo da Vida Severina.

**Gabriela Madei** – É! Elas (as professoras) pegaram as matérias de jornal que estava saindo naquela semana. E, aí, ela distribuiu a gente em grupos...

**Stéphane de Moura** – A gente fez teatro, fez trabalho, fomos à feira de São Cristóvão, teve entrevistas com nordestinos. Foi bem diferente!

**6 Este é o trabalho que vocês estão apresentando na Mostra de Trabalhos?**

**Stéphane de Moura** – É!

**7 Por que vocês acham que O Globo tem esse programa?**

**Gabriela Madei** – Para incentivar os outros para... Porque eu acho que, hoje em dia, os jovens não dão muita atenção para jornal, essas coisas. Aí, eu acho que eles querem incentivar, até para que cresça, esse costume de ler jornal. Ah, não sei explicar!

**Stéphane de Moura** – Acho que eles querem incentivar os alunos não só para ler, mas também vê como é para fazer um jornal. Saber fazer um, não como o Repórter do Futuro, mas para o jornal escolar.

**8 Vocês participam do Repórter do Futuro?**

**Stéphane de Moura** – Nosso colégio participa, só que a gente não participou.

## ANEXO H - ENTREVISTA VII

Entrevista realizada no dia 31 de outubro de 2005 com os alunos da 7ª série do ensino fundamental, Suelen Viany (14 anos) e André Rodrigues (14 anos) do Centro Educacional Pequena Cruzada (CEPC).

### **1 O que vocês acharam da inserção do jornal na sala de aula?**

**Suelen Viany** – Eu achei bem mais interessante, a gente tem várias coisas para debater. Teve o projeto “Um novo olhar sobre a Lagoa” que juntou duas turmas, então foi uma coisa que a gente pesquisou, ficamos sabendo sobre várias coisas, que a gente interagiu. Coisas que a gente não imaginava que tinha acontecido e a gente soube que aconteceu. Então, teve mais o interesse dos alunos.

**André Rodrigues** – Exatamente, O Globo trouxe mais informação para o colégio. O que é uma coisa bem legal. Tinham bastante alunos que, de 7º e 8º, por exemplo, que precisam mesmo estar inteirados com o mundo, porque é matéria de escola, é matéria até mesmo de vida. Esse projeto de O Globo foi uma coisa bastante interessante que aconteceu. Nós temos o jornal que fica aqui na frente, bem na entrada do colégio, que é super legal. O Globo, como é um jornal voltado para uma classe mais alta, ele é bem mais caro... A gente não tinha acesso. Então, O Globo aqui na frente foi uma coisa bem legal porque nós podemos ler, até mesmo com mais calma, com mais atenção.

**Suelen Viany** – Também, o projeto trouxe a oportunidade da gente fazer o nosso jornal. A gente fez sobre o nosso bairro, sobre a escola. Então, a gente mesmo está colhendo dados, fazendo o nosso próprio jornal, não vai ser um que fala de tudo como é O Globo, vai ser um mini-jornal. É a 7º e 8º série mesmo que está produzindo, fazendo pesquisa, várias outras coisas. Eu acho que vai ficar bem legal. Está ficando!

### **2 Mudou alguma coisa no hábito de leitura de vocês?**

**André Rodrigues** – Muito!

**Suelen Viany** – É...

**André** – Pelo menos pra mim sim!

**Suelen Viany** – Mudou, sabe? Porque assim... Para mim, continuou a mesma coisa, pois eu já lia muito jornal. Mas, para muita gente mudou, porque tem gente que não... Como é que eu posso falar?

**André Rodrigues** – Não sei... Você fala aí sua opinião. Para mim mudou bastante porque eu lia e leio até hoje muito o Extra, que é um jornal localizado, que também é do Globo. Então, eu lia só o Extra que é um jornal mais barato, bem mais voltado à população do Rio de Janeiro. Acho que depois desse projeto de O Globo, eu passei a me interessar mais pelo Globo. Eu achava o Globo um porre. É muita letra, tudo em preto e branco...

**Suelen Viany** – E o Extra é mais popular...

**André Rodrigues** – É bem mais chamativo. Até, mesmo, a linguagem usada é bem diferente. O Extra usa uma linguagem mais direta, diferente da linguagem do Globo. Acho que é isso... Pelo menos para mim mudou muito neste aspecto.

### **3 Uma coisa que o programa busca é desenvolver atitudes mais cidadã nos estudantes. Vocês acham que isso mudou depois que o programa entrou aqui na escola?**



**André Rodrigues** – Bastante. Principalmente nossas aulas de geografia mudaram bastante, a de português também.

**Suelen Viany** – Eu acho que teve bem mais debate.

**André Rodrigues** – É. A turma está debatendo bem mais sobre o mundo. É uma coisa bastante interessante que...

**Suelen Viany** – Tem coisa que a gente... De manhã, quando a gente chega aqui tem sempre o jornal do dia, a gente chega, lê. A gente chega na aula de geografia e já comenta, a gente sempre faz pergunta. E, hoje em dia, tem debate porque a gente leu no jornal, a gente dá exemplos. A turma começa a entrar e é um debate super legal.

**André Rodrigues** – Já aconteceu casos da gente entrar em matéria nova, o professor falar e a gente lembrar - “Pô, isso está no jornal lá em baixo!”. Vamos supor, agora em português estamos lendo um texto sobre poluição, que é uma coisa que é bastante tratada nos jornais. A turma sabe bem mais. Se você subisse lá, você ia ver que a turma todo sabe.

**Suelen Viany** – Todo mundo sabe, todo mundo quer falar, porque a gente leu...

**André Rodrigues** – Está na ponta da língua a resposta.

#### **4 Qual foi a atividade mais legal, envolvendo o jornal, que vocês fizeram em sala de aula?**

**Suelen Viany** – Com o jornal?

**André Rodrigues** – Dentro da sala de aula é difícil. Uma bastante interessante foi à visita ao Globo. Acho que dentro da sala de aula...

**Suelen Viany** – Acho que a mais interessante que nós tivemos foi a oportunidade de fazer o jornal.

**André Rodrigues** – Exatamente, acho que essa foi a parte mais legal.

**Suelen Viany** – É uma experiência nova para os alunos, que ninguém nunca tinha passado.

#### **5 Por que vocês acharam importante ter o jornal dentro da escola?**

**Suelen Viany** – Porque tem alunos que estão lendo, estão sabendo. E, também, o jornal ajuda bastante, até nas aulas, qualquer aula, matemática, português, geografia, história. O jornal ajuda bastante nisso. Eu acho que a pessoa tinha que... Tem gente que nem olha para o jornal, tem gente que passa na frente do jornal e vira a cara. Mas, tem gente que lê, que se interessa, a primeira coisa que faz é ver o jornal.

**André Rodrigues** – E tem, também, aquele povinho que lê apenas o caderno de esporte, o horóscopo, o segundo caderno. E tem aquele pessoal que é mais interessado que lê a capa, o jornal por inteiro, é uma coisa mais legal.

#### **6 Por que vocês acham que O Globo tem esse programa?**

**André Rodrigues** – Principalmente, eu acho que é para chegar mais nas pessoas porque, como eu tinha falado antes, é um jornal voltado para alta sociedade.

**Suelen Viany** – E eles querem ouvir mais a opinião das pessoas, querem saber a opinião dos alunos...

**André Rodrigues** – E se é um jornal voltado à alta sociedade, ela acha que tipo assim... “Porque não saber a opinião dos jovens? Vamos saber daquele pessoal que tem menos acesso à informação. Vamos ver o pessoal que não tem acesso ao nosso jornal”.

**Suelen Viany** – Antes do projeto não me interessava pelo Globo, minha mãe só comprava O Dia, aí quando eu comecei a ler, eu passei a comprar O Globo. Eles querem a opinião das pessoas,

dependendo da opinião, eles mudam, ele vêem, eles debatem. Eles querem a opinião de fora para poder melhorar o trabalho do jornal.

**André Rodrigues** – Acho que esse ano foi uma das melhores coisas que aconteceu para 7º série. Acho que de 6º a 8º séries foi uma das melhores coisas...

**Suelen Viany** – Apesar de que, no ano passado também teve projeto, mas com certeza esse ano vai ficar bem melhor por causa da atenção do jornal.

## ANEXO I - AGENDA DA MOSTRA DE TRABALHOS.



## PROGRAMAÇÃO DA MOSTRA DE TRABALHOS 2005

## PRIMEIRO DIA - DIA 09 de novembro (4ª feira)

## MANHÃ

10:00	<b>Boas Vindas</b> Coordenadora do Programa – Alessandra Teixeira - INFOGLOBO Coordenadora Pedagógica – Carmen Lozza – LEITORES E LEITURAS
10:10/10:30	Banda do Colégio Salesianos – Niterói
10:30/12:00	Abertura: Jornal Falado – CEASM <b><u>ENTREVISTA COLETIVA COM OS VENCEDORES DO CONCURSO DOS 80 ANOS DO GLOBO – “O jornal, o jovem e o mundo do futuro”</u></b> Mediadora: Ediane Merola – Revista Megazine <b>Venham falar do mundo jovem e do que desejam para o futuro!</b>

## TARDE

13:00/14:20	Abertura Orquestra de Cordas da Grota – Associação Educacional de Niterói <b><u>CONVERSA COM OS REPÓRTERES DO FUTURO – “A autoria e a auto-estima”</u></b> Mediadora: Jornalista Nívia Carvalho (Jornal O GLOBO) <b>Venham debater com colegas e professores as suas experiências!</b>
14:30/15:50	Abertura – Esquete “Tipos do Rio” – CE Vicente Jannuzzi <b><u>CONVERSA SOBRE PRÁTICAS COM O JORNAL PELA CIDADANIA – “O jornal e a melhoria do mundo”</u></b> Mediadora: Jornalista Amelia Gonzalez – Editora do Razão Social do GLOBO <b>Venham relatar as suas ações de cidadania, fruto do trabalho com o jornal!</b>
16:00/17:20	<b><u>CONVERSA SOBRE FOTOJORNALISMO – “A imagem e o seu poder”</u></b> com Ivo Gonzalez – fotógrafo do GLOBO <b>Venham compreender melhor o cotidiano de um repórter fotográfico!</b>



## PROGRAMAÇÃO DA MOSTRA DE TRABALHOS 2005

### SEGUNDO DIA - DIA 10 de novembro (5ª feira)

#### MANHÃ

9:30/ 10:30	<p><b><u>CONVERSA SOBRE CHARGES E ILUSTRAÇÕES</u></b> – “Criatividade e humor”</p> <p>Cláudio Duarte - ilustrador da Revista de Domingo –Jornal O GLOBO  <b>Venham expressar, em boa companhia, a sua criatividade!</b></p>
10:30/12:00	<p>Abertura – Coral do Colégio Daflon Ferraz</p> <p><b><u>CONVERSA SOBRE O JORNAL ESCOLAR</u></b> – “Um instrumento de diálogo”</p> <p>Mediador – jornalista Octávio Guedes (Jornal EXTRA)          Participantes: escolas que produzem jornais escolares  <b>Venham contar suas histórias e tragam edições dos jornais produzidos!</b></p>

#### TARDE

13:00/14:00	<p>Esquete sobre a obra Hans Christian Andersen – Colégio Rio de Janeiro</p> <p><b><u>CONVERSA SOBRE A SÉRIE DE REPORTAGENS PUBLICADAS NO GLOBO</u></b>  <b><u>“VIDA SEVERINA”</u></b> – “Jornal e Literatura: leituras e expressões”</p> <p>Com o jornalista Paulo Marquero – O GLOBO  <b>Venham “prosear” com um jornalista premiado e que entende de Brasil!</b></p>
14:00/15:00	<p>Reunião da equipe pedagógica com os coordenadores das escolas para avaliação do Programa durante o ano de 2005.</p>


#### **OBSERVAÇÕES IMPORTANTES:**

- **O GLOBO disponibilizará telão, vídeo, micro e projetor à disposição das escolas.**
- **A lotação será por ordem de chegada** para as atividades que acontecerão no Espaço “De conversa em conversa”.
- **Jornal** – Alunos do Colégio de Aplicação da FEUDUC produzirão um jornal durante toda a Mostra.

## ANEXO J – PROGRAMAÇÃO DAS ATIVIDADES NOS PÓLOS DE JORNAL NA ESCOLA

**PROGRAMAÇÃO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2005**  
**ATIVIDADES DOS “PÓLOS DE JORNAL NA ESCOLA”**

- **Atenção!** As inscrições são GRATUITAS e feitas por telefone.
- Os interessados devem ligar diretamente para a Biblioteca (Pólo) de sua escolha (telefones no quadro abaixo).
- É livre a participação em quaisquer dos Pólos, independentemente do local de residência ou de trabalho daquele que se inscreve.
- Será fornecida declaração de participação.
- Para ser realizada, cada atividade deverá ter, no mínimo, 10 inscritos. Na véspera da atividade, então, deve-se telefonar para confirmar a realização da mesma, em função do número de inscritos.
- As vagas são limitadas.
- As atividades são abertas a professores, alunos de 5ª série a Ensino Médio e à comunidade.

 <p><b>Curso:</b> <i>“O Jornal Escolar”</i></p>	PÓLO IRAJÁ	PÓLO NITERÓI	PÓLO TIJUCA	PÓLO CAMPO GRANDE	PÓLO BAIXADA
	<b>BIBLIOTECA POPULAR DE IRAJÁ</b>  <b>(Tel: 3351-4389)</b> Rua Mons. Félix, 512 (Região Administrativa)	<b>BIBLIOTECA INFANTIL ANÍSIO TEIXEIRA</b>  (Tel: 2711-3063) Rua Lopes Trovão, s/nº (Campo S. Bento) Icarai	<b>BIBLIOTECA POPULAR DA TIJUCA</b>  <b>(Tel: 2569-1695)</b> Rua Guapeni, 61 (Próxima a Praça Saens Peña)	<b>BIBLIOTECA POPULAR DE CAMPO GRANDE</b>  <b>(Tel: 2413-2720)</b> Praça Thelmo Gonçalves Maia (Região Administrativa)	<b>BIBLIOTECA DO SESC-NOVA IGUAÇU</b>  <b>(Tel: 2797-3740)</b> Rua Dom Adriano Hipólito, 10 Moquetá
<b>Módulo 1</b> Da grande imprensa para a imprensa na sala de aula (O poder da grande imprensa e sua relação com o jornal escolar) <b>Kátia Zanvettor</b> – Jornalista e mestranda em Educação pela UFF	16 de agosto (3ª feira) 9h30/12h	9 de setembro 6ª feira 14h/16h30	29 de setembro (5ª feira) 9h30/12h	30 de setembro (4ª feira) 14h/16h30	12 de agosto (6ª feira) 9h30/12h
<b>Módulo 2</b> Assumindo a autoria: produzindo notícias (Processo de autoria X formação do leitor crítico) <b>Cecília Goulart</b> – pesquisadora e professora da Faculdade de Educação da UFF	23 de agosto (3ª feira) 9h30/12h	16 de setembro 6ª feira 14h/16h30	6 de outubro (5ª feira) 9h30/12h	5 de outubro (4ª feira) 14h/16h30	19 de agosto (6ª feira) 9h30/12h
<b>Módulo 3 – A produção da notícia no cotidiano escolar: como encontrar e produzir a notícia no interior da escola (aspectos pedagógicos)</b> <b>Silvana Mansur Assad e Sílvia Pedreira</b> – ambas professoras de História e assistentes pedagógicas do Programa Quem Lê Jornal sabe Mais (O GLOBO)	30 de agosto (3ª feira) 9h30/12h SÍLVIA	23 de setembro 6ª feira 14h/16h30 SILVANA	13 de outubro (5ª feira) 9h30/12h SILVANA	19 de outubro (4ª feira) 14h/16h30 SILVANA	26 de agosto (6ª feira) 9h30/12h SILVANA

Módulo 4 – Colocando a mão na massa: organizando o jornal escolar – as opções gráficas <b>Renata Maneschy</b> – diagramadora do Jornal O GLOBO	6 de setembro (3ª feira) 9h30/12h	30 de setembro 6ª feira 14h/16h30	20 de outubro (5ª feira) 9h30/12h	26 de outubro (4ª feira) 14h/16h30	2 de setembro (6ª feira) 9h30/12h
--	---	---	---	--	---

Apoio:



Visite nosso site: [www.oglobo.com.br/infoglobo/quemlesabe](http://www.oglobo.com.br/infoglobo/quemlesabe)